

EDIÇÕES ESPECIAIS



Os 90 anos da Revolução de 1930 são abordados através de textos de historiadores e professores que refletem sobre este marco na história da PB



Correio das Artes traz um especial sobre o pensamento e a vida do economista paraibano Celso Furtado, que faria 100 anos neste domingo

Há 90 anos morria João Pessoa: caderno especial reúne reportagens e artigos que narram a trajetória do político que se tornaria nome de cidade



Pandemia muda rotina da pesquisa na Paraíba

Coronavírus altera a pauta em instituições como UEPB e UFPB, que estudam formas de combater a covid-19. [Páginas 5 e 6](#)

Foto: Agência Brasil



Custo de vida cresce durante pandemia de covid

Pesquisa revela que população passou a consumir mais durante o isolamento social, e despesas com alimentação, energia e água dispararam no orçamento. [Página 7](#)

Diversidade

Caatinga ajuda a diminuir o efeito estufa na atmosfera

Pesquisa realizada no Semiárido revela a influência desse bioma no controle das mudanças climáticas. [Página 16](#)

Cultura

Dois novos livros celebram o legado de Celso Furtado

‘Pensar o Mundo, Para Mudá-lo’ e ‘A Esperança Militante’ saem em meio ao centenário do economista. [Página 9](#)

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Roberto Guedes



Giro nos Municípios Localizado em uma área rica em formações rochosas, o município de Teixeira tornou-se um dos principais destinos da Paraíba para os praticantes do ecoturismo. [Página 8](#)

Entrevista



Foto: Divulgação

Da Cagepa “Marco Legal do Saneamento prejudicará os pequenos municípios”, avalia Marcus Vinícius. [Página 4](#)

Paraíba

Anayde Beiriz: vítima de uma sociedade reacionária

Por demonstrar um comportamento à frente do seu tempo, professora foi difamada e oprimida. [Página 17](#)

Esportes

Zé Lima, o maior campeão do futebol paraibano

Perto de completar 80 anos, ex-atleta avalia trajetória nos gramados, como jogador e técnico. [Página 12](#)



Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465 De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Especiais

Este domingo, 26 de julho de 2020, é uma data singular para a história política, econômica e cultural do Brasil, porém, de modo ainda mais especial, para a história da Paraíba. Em 26 de julho de 1920 nasceu Celso Furtado, escritor e um dos mais brilhantes pensadores da economia do mundo. Em 26 de julho de 1930, o político e advogado João Pessoa era assassinado no Recife (PE).

O nascimento de Celso Furtado representou um duro golpe para os sistemas que mantêm o planeta dividido entre nações ricas, medianamente avançadas e subdesenvolvidas. O paraibano de Pombal pensou criticamente as estruturas econômicas, apontando as desigualdades sociais que geravam e propondo soluções para uma transformação radical da realidade.

A dimensão de Celso Furtado, evidentemente, não está restrita ao estudo e ensino de economia. Foi um sujeito prático, ativo, eclético, elaborando e aplicando projetos de grande repercussão, no âmbito, por exemplo, dos órgãos que esteve à frente, a exemplo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e Ministério da Cultura.

A morte de João Pessoa mudou a história da Paraíba e abriu caminho para a criação de um novo Brasil, pela via da chamada “Revolução” de 1930, que destronou a República Velha. As faíscas dos tiros disparados por João Dantas em João Pessoa detonaram o barril de pólvora político em que o país havia se transformado, após a eleição do presidente Washington Luís.

Fiel ao compromisso de bem informar seus leitores também sobre fatos históricos, A União circula hoje com reportagens, artigos e o “Correio das Artes”, dedicados ao natalício de Celso Furtado, e um caderno especial consagrado ao aniversário de morte de João Pessoa, além de um suplemento, feito em parceria com o IHGP, sobre os 90 anos da Revolução de 1930.

As homenagens a Celso Furtado, no âmbito da Empresa Paraibana de Comunicação, não se limitaram às publicações citadas. Uma trilogia sobre o autor de “Formação Econômica do Brasil” foi publicada em parceria com a Editora da Universidade Estadual da Paraíba, assim como um coletânea produzida pela Editora A União e a Academia Brasileira de Letras.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreirafanco46@gmail.com

O passado em bom tom

Quando se consultava a sinopse de qualquer lançamento programado pelas companhias exibidoras, era de bom tom identificar o nome do autor da música do filme (os teóricos consideram tema e trilha sonora outros departamentos, mas não cabe aqui discorrer sobre o assunto). Nos meus tempos de crítico militante, acontecia assim: o compositor era parte fundamental na avaliação sobre a qualidade da produção, com o mesmo peso atribuído ao diretor e ao fotógrafo, além do elenco. Vocês já viram essa fita na semana passada. O registro - para quem está chegando agora - abria com homenagem ao consagrado Ennio Morricone, morto no dia 6 deste mês, e fechava com observações sobre o não menos famoso Nino Rota, alma gêmea do diretor Federico Fellini, de cujos filmes assinou a música ou teve trechos de peças suas encaixados na trilha.

Não vou discorrer sobre a música no cinema. Demandaria conhecimentos que não possuo e espaço que é insuficiente nesta página. Citarei apenas e aleatoriamente nomes de compositores e títulos de filmes que busquei na memória (com a ajuda do Google, claro) para matar saudades da minha época de colonista na especialidade. As referências iniciais que me tocam são o austríaco Max Steiner e o americano Victor Young. O primeiro, autor da música de “E o vento levou” (e “Casablanca”, “A árvore dos enforcados”, “Amores clandestinos”...); o segundo, de “Os brutos também amam” (e “A volta ao mundo em 80 dias”, “Johnny Guitar”, “Por quem os sinos do-

bram”...). Não havia como falhar na estimativa sobre atributos do filme.

O ucraniano Dimitri Tiomkin era poule de 10. Assinou, por exemplo, os temas de “Matar ou morrer”, “Um fio de esperança” e “O Álamo”. Já o húngaro Miklos Rozsa (muitos compositores de renome eram estrangeiros que migraram para os Estados Unidos devido a guerras) firmou-se no gênero épico com “Quo vadis”, “O rei dos reis”, “El Cid” e o arrasa quarteirão “Ben-hur”. Mas tem no currículo o melodrama “Quando fala o coração” e o tenso drama psicológico “Farrapo humano”. Já Alfred Newman musicou “Como era verde o meu vale”, “O manto sagrado”, “O rei e eu” e “A canção de Bernadete”. E Alex North aparecia na ficha técnica de “Spartacus”, “Cleópatra”, “Viva Zapata” e “A rosa tatuada”. Quando identificados na sinopse, estava garantido o nível da produção.

Com as inevitáveis omissões, sou obrigado a abreviar a lista, limitando-me aos créditos: Henri Mancini (“Bonequinha de luxo”, “A pantera cor-de-rosa”), Bernard Hermann (“Cidadão Kane” e os melhores títulos de Alfred Hitchcock), Jerry Goldsmith (“Rio lobo”), Michel Legrand (“Houve uma vez um verão”), Maurice Jarre (“Doutor Jivago” e outras superproduções de David Lean), Elmer Bernstein (“O homem do braço de ouro”, “Sete homens e um destino”), John Barry (da grife do agente 007 James Bond). Qualquer um destes assegurava bons prognósticos sobre estreias programadas. E assim nós íamos vivendo de amor por escrever sobre cinema...

/// Citarei apenas e aleatoriamente nomes de compositores e títulos de filmes que busquei na memória para matar saudades da minha época de militante. ///

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Pinto

Por um bom tempo pensei que eu e Pinto fôssemos parentes, pois ele é dos Pintos de Conceição. E a banda materna dos Jenipapos é daquela ribeira do Piancó. Conversamos sobre essa probabilidade e ele me informou que não tem parentes Pintos, simplesmente porque ele não é dos Pintos - de Conceição, de Itaporanga (Misericórdia) nem de lugar nenhum. O seu Pinto é fantasia, como é “do acordeon”. Francisco Ferreira Lima é o seu nome civil, e Pinto do Acordeon é a graça dos aplausos.

Uma parada parecida com a abordagem que fiz àquele jornalista paraibano, também oriundo de uma ribeira do semi-árido, e ele respondeu, seco como nossos rios intermitentes na estiagem cíclica:

- Não tem nada a ver.

Disse isso diante uma pequena platéia de menos de 10 pessoas, uma grande platéia para mim, que venero a instituição familiar - tanto que acrescentei ao nome, judicialmente, um sobrenome velho de guerra, de muita guerra. Depois ele me telefonou, candidato à APL, pedindo meu voto. Eu lhe respondi que não podia votar nele por questões ideológicas: o colega é da direita. Também foi por ideologia, não sei qual motivo pesou mais. Seja qual tenha sido, pesou.

Mas voltando ao Pinto de Conceição e do Acordeon: o sucesso apurou seu humor, sua simplicidade e simpatia. O sorriso aberto e franco como o teclado do instrumento que maravilhava as pessoas. Maravilhava não somente o público, mas quem entendia de música, como seu fã Luís Gonzaga - que o incorporou à sua banda. Ele tinha a simplicidade dos grandes talentos. Toca do

Coelho

Conheci Pinto na churrascaria Toca do Coelho, onde ele era organista no conjunto musical. Lá se vai meio século! O local se chamava Granja Bela Vista. A vista para o mar era bela mesmo. A Toca foi um grande sucesso. Tão grande que terminou fechando, pois ninguém podia controlar sua frequência, que de mais de mil pessoas nem Edmar. Eram duzentos tamboretes, mais 17 mesas redondas ao redor dos coqueiros. Eu preveni a Edmar que o risco era grande, o evento Carnaval podia borrar a imagem da Toca. Não deu outra coisa. A turma que não conseguia entrar no Astrea e no Cabo Branco, inundou a Toca que passou a ser vista como um bar de periferia.

Edmar Vilarim Aragão é filho de duas famílias tradicionais do Cariri. Não iria manchar sua tradição pela gorjeta do Carnaval. Ele renovou os programas de rádio campinenses com a promoção que fez de Zé Limeira, resgatando-o para o meio radiofônico, no seu programa de entrevistas com os valores da terra:

“Eu me chamo Zé Limeira, Cantador que não é tolo. Sei tirar couro de bode E empaioilar tijolo, Sou o cantador maior Que a Paraíba criou... O locutor de Zé Limeira fora dono de mina de ouro no Ceará. O povo pensa que mina de ouro enrica, mas é negócio ruim. Se o garimpeiro não for bom não tiver sorte, quebra. Cava e cava para nada. “Quem guarda o que não guardou é doido”, diz meu primo rico Carlos Eduardo, o Pata Choca.

/// Quem guarda o que não guardou é doido. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albidge Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananêa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA :
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Uma história de pioneirismo no Brejo paraibano

A visão de um empreendedor que fez surgir na cidade de Borborema uma das primeiras hidrelétrica do país

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Um pequeno município que carrega uma grande história. Foi em Borborema, cidade com 26 km² e 5186 habitantes, segundo dados de 2009 do IBGE, que se construiu uma das primeiras hidrelétricas do Nordeste e do país. A Empresa Hidrelétrica Borborema iluminou as cidades de Pilões, Serraria, Solânea, Bananeiras e a própria Borborema de 1919 até 1962. Ainda é possível ver as ruínas da construção, símbolo de coragem e pioneirismo, do paraibano José Amâncio Ramalho.

O bacharel em Direito era um homem de espírito empreendedor. Nascido em Bananeiras e vindo do município de Araruna, distante 60 km de Borborema, onde já havia fundado o mercado municipal, José Amâncio foi o grande desbravador do lugar. Começou barrando o rio Canafistula, que cruza a região, construiu um açude e em seguida uma pequena hidrelétrica. A intenção era impulsionar os negócios, mas a chegada da energia marcou o início de um período de desenvolvimento em toda

área, colocando a então Vila de Camucá (que originaria a sede do município de Borborema), e arredores, em pé de igualdade com as maiores cidades do país que começavam a substituir os lampiões pela luz elétrica. “Borborema era distrito de Bananeiras e é interessante pensar que um distrito tinha uma riqueza maior que o próprio município”, frisa o pesquisador e professor de História, Edvânio Alcântara.

José Amâncio percebeu que havia na terra desabitada muitas goiabeiras que indicavam a fertilidade do solo e decidiu investir no lugar. “Ele era muito inteligente, influente e tinha muitas posses. Tinha contatos com os presidentes de província e governadores da época”, disse Edvânio Alcântara, que mora em Borborema e estuda a história local. A construção da hidrelétrica foi iniciada em 1910 e terminou nove anos depois. “Ele trouxe o maquinário da Alemanha e contratou mão de obra alemã para executar o projeto” conta. Os alemães, segundo o professor, vieram atraídos pelas riquezas da região que à época era gerada pelos inúmeros en-

genhos de cana-de açúcar. No mesmo período foi instalada a linha férrea, por parte de uma empresa inglesa.

O filho mais novo de José Amâncio, Antônio Amâncio, hoje com 69 anos, conta que conviveu pouco com pai, falecido quando o caçula tinha apenas dois anos de idade. “Foi em 1953, ele tinha completado 74 anos. Amanheceu bem, aí sentiu uma dor e morreu no final do dia, nós acreditamos que de infarto.” Antônio conta que a mãe Maria do Livramento, segunda esposa de José Amâncio com quem o empresário teve quatro filhos, costumava contar as histórias que mantinham vivas as memórias do pai. “Ele comprou uma fazenda com o objetivo de montar uma tecelagem, por isso precisaria da energia. O governo da época disse que daria a concessão da hidrelétrica mas ele teria que fornecer energia para os municípios da região.” Antônio conta que o sonho da tecelagem nunca foi realizado, mas que o pai fez outros empreendimentos como um engenho, uma feclaria responsável por processar mandioca e uma despoldadeira de arroz. “Não era fácil tocar negócios em uma época onde se tinha pouco apoio dos governos, os investimentos eram feitos com recursos próprios.”

A influência e o conhecimento de José Amâncio foram decisivos para a conquista das concessões, tanto da hidrelétrica quando da linha férrea em 1913. A amizade com José Américo de Almeida, procurador geral do estado à época, foi determinante. “Até no percurso da ferrovia meu pai interferiu por ter esse apoio do amigo José Américo”, pontua.



Ruínas da Hidrelétrica Borborema, que foi responsável por fornecer energia elétrica a vários municípios da região

Hidrelétrica desenvolveu a região

Mas foi a hidrelétrica que inseriu, de fato, José Amâncio nos registros históricos inclusive nacionais. Apesar de ser de pequeno porte, a Empresa Hidrelétrica Borborema foi responsável pelo progresso que marcou o período. Antônio Amâncio conta que a energia, mesmo considerada de pouca qualidade, devido às limitações naturais e de maquinário, foi muito celebrada e mesmo pequena iluminava os municípios das 18h às 5h. “Era basicamente a iluminação pública e as casas que além de iluminadas mantinham alguns poucos equipamentos como rádio e alguns eletrodomésticos. A má qualidade da energia se dava porque a capacidade do reservatório de água era pequena e no período de seca o reservatório não dava conta e, além disso, a hidrelétrica tinha apenas uma turbina”, detalhou.

Coletores contratados pela empresa faziam a cobrança da tarifa porta à porta e o valor ia para os cofres da hidrelétrica. Antônio Amâncio não sabe precisar, mas garante que a taxa que os moradores pagavam era muito menor do que a paga nos dias de hoje, até porque a estrutura era outra, muito aquém da que se tem atualmente. “Lembro-me dos últimos anos da empresa quando tínhamos muitas dificuldades para manter as atividades normais de funcionamento”.

O apagar das luzes

Em 1962, nove anos após a morte de José Amâncio, a Empresa Hidrelétrica Borborema parou de funcionar. Foi a chegada da Codebro (Companhia de Distribuição de Energia do Brejo Paraibano) que utilizava a força da cachoeira de Paulo Afonso, cidade cortada pelo Rio São Francisco, e de seu complexo hidrelétrico que estava em expansão no Estado, tendo chegado em 1958 à Paraíba. “Foi quando começou a decadência. Depois foi feito um acordo onde nós passamos a concessão para a Codebro, foi muito prejudicial para a família porque o valor foi muito baixo e depois vendemos o maquinário a um ferro velho.” O responsável pela negociação que encerrou o funcionamento da hidrelétrica foi Edson Amâncio, filho mais velho de José Amâncio e diretor-presidente da Codebro na época. “Entenda, foi prejudicial para a família mas foi o melhor para a região. A energia de Paulo Afonso tinha qualidade muito superior”, confessa.

Uma rica história que pode ser acessada, já que muitos registros estão expostos no museu Dr. José Amâncio Ramalho, em Araruna. Também permanece intacta, em Borborema, a casa construída em 1918 pelo empresário, além das ruínas da hidrelétrica, responsável por incluir a Paraíba na história da energia elétrica no Brasil.



Casa do pioneiro José Amâncio Ramalho, em Borborema, construída em 1918

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

‘EFEITO GUARABIRA’: ALIANÇA ENTRE CIDADANIA E MDB PROVOCA EMPENHO DE EMEDEBISTAS POR GESTO SIMILAR

A aliança entre o Cidadania e o MDB em Guarabira, provocou um efeito imediato em outros municípios cujos candidatos a prefeitos são emedebistas. Primeiro por que a notícia, quando veio à tona, de surpresa, o acordo já estava costurado – meses atrás, nem mesmo quem faz cobertura de política e que acompanha de perto o noticiário do segmento apostaria nessa probabilidade, principalmente por envolver um deputado líder da oposição na ALPB, Raniery Paulino. Logo após essa surpresa inicial, um novo efeito gerou-se: outros pré-candidatos do MDB estão ligando para o presidente do Cidadania na Paraíba, Ronaldo Guerra, para propor alianças em seus municípios. Haverá um efeito cascata com essa decisão dos dois partidos em Guarabira? Não será bem assim, mas Guerra admite que o episódio provocou, sim, uma euforia, digamos assim, entre pré-candidatos emedebistas. “Isso não foi discutido [aliança com o MDB em outras cidades]. A decisão de Guarabira não necessariamente vai seguir para outros municípios. Mas recebi quatro ligações de candidatos do MDB querendo discutir alianças. O reflexo foi muito grande”.

“NÃO EXISTE INTERESSE”

No que diz respeito a João Pessoa, onde o MDB tem pré-candidatura lançada, com Nilvan Ferreira, Ronaldo Guerra descartou, enfaticamente, a possibilidade de aliança. Devido ao ‘efeito Guarabira’, o peemedebista havia sido provocado a falar sobre o assunto, tendo rechaçado a ideia. Guerra fez o mesmo: “Não existe interesse do Cidadania de aliança com o MDB em João Pessoa”.

EM CG, CHANCE ZERO

Outra cidade em que está descartada, definitivamente, uma união do Cidadania com o MDB é Campina Grande – a pré-candidata emedebista é Tatiana Medeiros. “Em Campina, existe a mesma dificuldade. Já temos Inácio Falcão (PCdoB) e Ana Claudia (Podemos), que são de partidos da base”, argumenta Guerra. E ambos relutam em abrir mão da candidatura.

QUEM É VOCÊ LADRÃO?

E a troca de farpas, para dizer o mínimo, entre Julian Lemos (PSL) e Eduardo Bolsonaro (Repúblicanos) só aumenta. Em novo ‘round’, o parlamentar paraibano rebateu ter sido chamado de “pau de arara e favelado” pelo filho 03 do presidente Bolsonaro. E o acusou de desviar verba pública: “Rachadinhas? Sim, muitas ! Quem é você ladrão para apontar o dedo pra mim ?”

DESVIO DE RECURSOS

Adiante, Julian Lemos, ex-aliado de primeira hora do grupo Bolsonaroista, disparou: “Ladrão é ladrão! O vagabundo botou uma advogada pilantra dentro de PSL para fazer contratos milionários para, com isso, tirar a ‘parte dele’”. E disse mais: Eduardo teria usado 216 mil reais de auxílio moradia para comprar um apartamento: “Deputado ladrão!”, registrou no twitter.

“FOI O QUE FACILITOU”, DIZ GUERRA SOBRE GESTO DE RANIERY PARA ACORDAR ALIANÇA

Na edição de ontem, a coluna registrou que o gesto de Raniery Paulino (MDB) – deixar a liderança da oposição – foi decisivo para selar o acordo com o Cidadania. Ronaldo Guerra confirmou ontem que essa foi, obviamente, uma condição para que as conversas avançassem: “Isso foi o que facilitou, evidentemente. Ele disse que renunciaria a liderança da oposição para se incorporar, por inteiro, à bancada do governador”.

Marcus Vinícius Fernandes Neves
Presidente da Cagepa

“Lei prejudicará especialmente os pequenos municípios”

Marco Legal do Saneamento, com veto do presidente, pode representar prejuízos à população, avalia gestor

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O presidente Jair Bolsonaro sancionou no último dia 15 o chamado Novo Marco Legal do Saneamento Básico. O objetivo, segundo o governo federal, é qualificar a prestação dos

serviços no setor, garantindo que até 2033, 99% da população brasileira tenham acesso à água potável e 90% ao tratamento e à coleta de esgoto. O novo marco torna obrigatória a abertura de licitação, envolvendo empresas públicas e privadas, facilita a privatização de estatais do setor e extingue o modelo atual

A entrevista

Qual a sua opinião sobre o Marco Legal do Saneamento, sancionado pelo presidente?

■ O marco legal foi fruto de uma discussão de quase três anos, culminando com o projeto de lei que, sancionado, virou a Lei 14.026. Essa lei foi construída dentro do possível; quando trabalhamos com democracia, trabalhamos dentro do que é possível. O acordo não era tão ruim, ele criava o processo de transição, permitia que as empresas tivessem um pouco mais de dois anos para se reorganizar, se readequar dentro desse processo. Mas, infelizmente, o governo, que participou desses acordos, inclusive com seu líder dentro do Senado e da Câmara, efetivamente quebrou o acordo com o veto, colocou em xeque não as empresas estaduais apenas, mas toda a estrutura de saneamento, criando uma ruptura e prejudicando, principalmente, os pequenos municípios que vão ficar à mercê de estar junto aos grandes municípios, única e exclusivamente. E, uma vez, não tendo viabilidade, vão ter que fazer vezes do saneamento e por conta própria fazer sua gestão, o que é praticamente impossível quando nós trabalhamos, por exemplo, na Paraíba, com quatro quintos do Estado dentro do Semiárido. Portanto, nesse momento, com o veto, a lei é muito ruim para todos nós.

Houve algum tipo de diálogo com as companhias? Qual o futuro da Cagepa nesse novo contexto?

■ Na realidade, sempre houve diálogo com as companhias, até porque a gente tem a Associação Brasileira das Empresas Estaduais de Saneamento (Aesbe), que conduz esse processo como um todo. Então, uma vez conduzido esse processo pela Aesbe, houve uma discussão por várias semanas. E, infelizmente, é como nós falamos, ou felizmente, trabalhamos numa democracia e a democracia é a arte do possível, é a conciliação de interesses, onde nesse momento, a maioria liberal privatista, tem grande coro. Nós encontramos o meio termo, mas o presidente quebrou esse acordo.

E sobre o futuro da Cagepa, hoje trata-se de uma empresa superavitária que tem suas contas equilibradas e que precisa avançar muito, já que nós estamos distantes ainda daquilo que nós pretendemos como ideal e que nos é cobrado pelo governador João Azevêdo para que a gente preste o melhor serviço à população. É uma empresa que é essencial hoje para a Paraíba quando nós olhamos o contexto do Estado como um todo. Você veja que nós chegamos a abastecer Campina Grande com 3%, 4% do açude de Boqueirão, mas não deixamos de atender as cidades do entorno. Talvez, se fosse uma empresa privada, só colocaria água para Campina Grande, então, é nesse contexto que a gente vê a Cagepa. Agora, é um desafio grande, principal-

mente com relação ao Artigo 16, se o veto não for derrubado, e nós contamos com os 12 deputados da Paraíba e os três senadores. Se não for derrubado, nós vamos judicializar porque é praticamente impossível e inconstitucional. Primeiro, que o saneamento mude de uma hora para outra sem ter um processo de transição, sem ter a afirmação de quem tem a competência, e inconstitucional porque veda aquilo que a Constituição diz que é a livre associação entre os entes federados.

O que essa mudança pode significar? Será melhor para a população? As tarifas podem aumentar (ou baixar)?

■ Vamos pegar alguns exemplos. Se nós mantivermos o contexto de Estado dividindo em regiões e a Cagepa administrando essas regiões, obviamente, hoje, o governo federal está limitando os recursos que estão escassos para o saneamento. Na Paraíba, nós temos um governo do Estado equilibrado, que tem buscado recursos. Nós temos um projeto dentro do Banco Mundial. A companhia vai, sim, ter que fazer ajustes tarifários, obviamente

por ser uma empresa maior e por atender o Estado todo. Nós passamos pelo período de seca e quem foi que arcou com esse prejuízo? A Companhia de Água e Esgoto da Paraíba. Diferente, por exemplo, da energia elétrica, que quando tem seca, que diminui a geração de energia elétrica, que entram os geradores, utiliza as bandeiras amarela, vermelha com o aumento da conta. Eu acho que uma empresa pública consegue ajustar as tarifas de forma mais real, mais transparente para fazer os investimentos

necessários sem levar ao extremo do setor privado. Vamos hipoteticamente falar de uma cidade pequena, isolada, que não esteja com a Cagepa; ela vai ter meta até 2033 com uma empresa privada para fazer o saneamento. Vamos supor um município pequeno com sete ou oito mil habitantes, que nós estamos com um projeto de esgotamento sanitário que custa cerca de R\$ 20 milhões. Se formos incluir isso na tarifa, que hoje é em torno de R\$ 38 para pagar o custeio, que é deficitário neste município, para pagar o investimento de melhoria e fazer uma nova adutora, a tarifa vai para R\$ 150. Foi um estudo hipotético que fizemos, uma pequena simulação para se pagar até 2033 esse investimento, levando em consideração que a arrecadação neste município é pouco mais de R\$ 50 mil. Então, aqueles municípios que ficarem isolados, que ficarem fora da Cagepa, ou que obrigatoriamente forem licitar, vão efetivamente gerar um problema muito maior para eles.

Em relação à Paraíba, qual a nossa situação no que diz respeito ao saneamento básico?



Foto: Divulgação

de contrato entre municípios e empresas estaduais de água e esgoto, transformando os contratos em vigor em concessões com a empresa privada que vier a assumir a estatal.

O presidente da Companhia de Água e Esgoto da Paraíba (Cagepa), Marcus Vinícius Fernandes Neves, falou em entrevista exclu-

siva A União sobre essa nova lei e as implicações que essas mudanças podem representar para o Estado. Segundo ele, municípios menores podem ser os mais prejudicados. Marcus Vinicius ainda abordou questões como plano de investimentos da Cagepa e situação do Estado com relação ao saneamento.

■ João Pessoa é a terceira capital do país e a primeira do Nordeste na edição 2020 do Ranking do Saneamento, organizado pelo Instituto Trata Brasil. A listagem foi feita com as cem maiores cidades do país com base nos dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), deixando João Pessoa atrás apenas de Curitiba e São Paulo. O atendimento universalizado de água e o incremento em coleta de esgoto, que passou de 66,86% para 79,30%, foi essencial nesse processo. A Cagepa também reduziu o percentual de desperdício da água, aumentou a oferta de serviços e a eficiência do atendimento junto à população. Só no índice de saneamento, por exemplo, nós avançamos com mais de 17 mil novas ligações de esgoto em João Pessoa. Já Campina Grande apresenta 100% de abastecimento de água e 94% de atendimento urbano de esgoto, está no 16º lugar no ranking nacional e é a 2ª entre todas as cidades do Nordeste e ainda detém o melhor índice de perdas no faturamento (9,45%) e na distribuição (26,67%) entre as cidades do Nordeste.

Por favor, discorra sobre as ações que estão sendo desenvolvidas pela Cagepa.

■ A companhia tem uma série de ações extremamente importantes e estruturantes ao longo de todo o Estado. Vamos começar no Sertão onde, por exemplo, nós temos um projeto que talvez não apareça para a população, mas é muito importante porque garante a sustentabilidade do sistema. Nós temos até 2022 o investimento de R\$ 35 milhões para recuperar todos os reservatórios elevados apoiados de concreto do Estado da Paraíba. Os reservatórios, desde aquele de Conceição, passarão por reforma, até os grande reservatórios de Campina Grande. Isso impacta primeiro na garantia da qualidade da água; segundo, na garantia da perenidade por não interrupção do fornecimento decorrente de vazamentos, e terceiro, na garantia da manutenção adequada já que um reservatório que tem a capacidade estrutural limitada não enche todo, então, obviamente, não consegue fazer regularização de pressão na rede. Estamos levando a antiga estação de tratamento de Sousa para Capivara, uma estação de tratamento nova. Reformamos agora toda a estação de tratamento de Monteiro e estamos com um projeto para duplicá-la. Estamos comprando uma estação nova para São João do Cariri. Outro processo muito importante que é a recuperação de todas as estações de tratamento de água e esgoto.

Nós assinamos agora, só para a região de Espinharas, mais de R\$ 10 milhões para tirar pés de galinha das cidades das regiões atendidas por Patos. Estamos avançando na recuperação de redes clandestinas no Brejo, regularizando e colocando água

correta para a população, fazendo as extensões de rede nas cidades no Litoral, na Borborema e no Brejo. Um outro ponto é a recuperação das redes antigas das cidades. Nós temos em Campina Grande algumas ações e em João Pessoa, no Centro da cidade, queremos estender as adutoras onde tem os recorrentes vazamentos como a Pedro II e Rui Barbosa. É um projeto que a gente tem para 2021, que é o Plano de Recuperação de Perdas. Cajazeiras, uma nova adutora, as adutoras de Mamanguape e da Transparaíba, retomadas agora as licitações para concluí-las - pelo menos, a de Mamanguape - ainda em 2021, atendendo Itapororoca e Mamanguape.

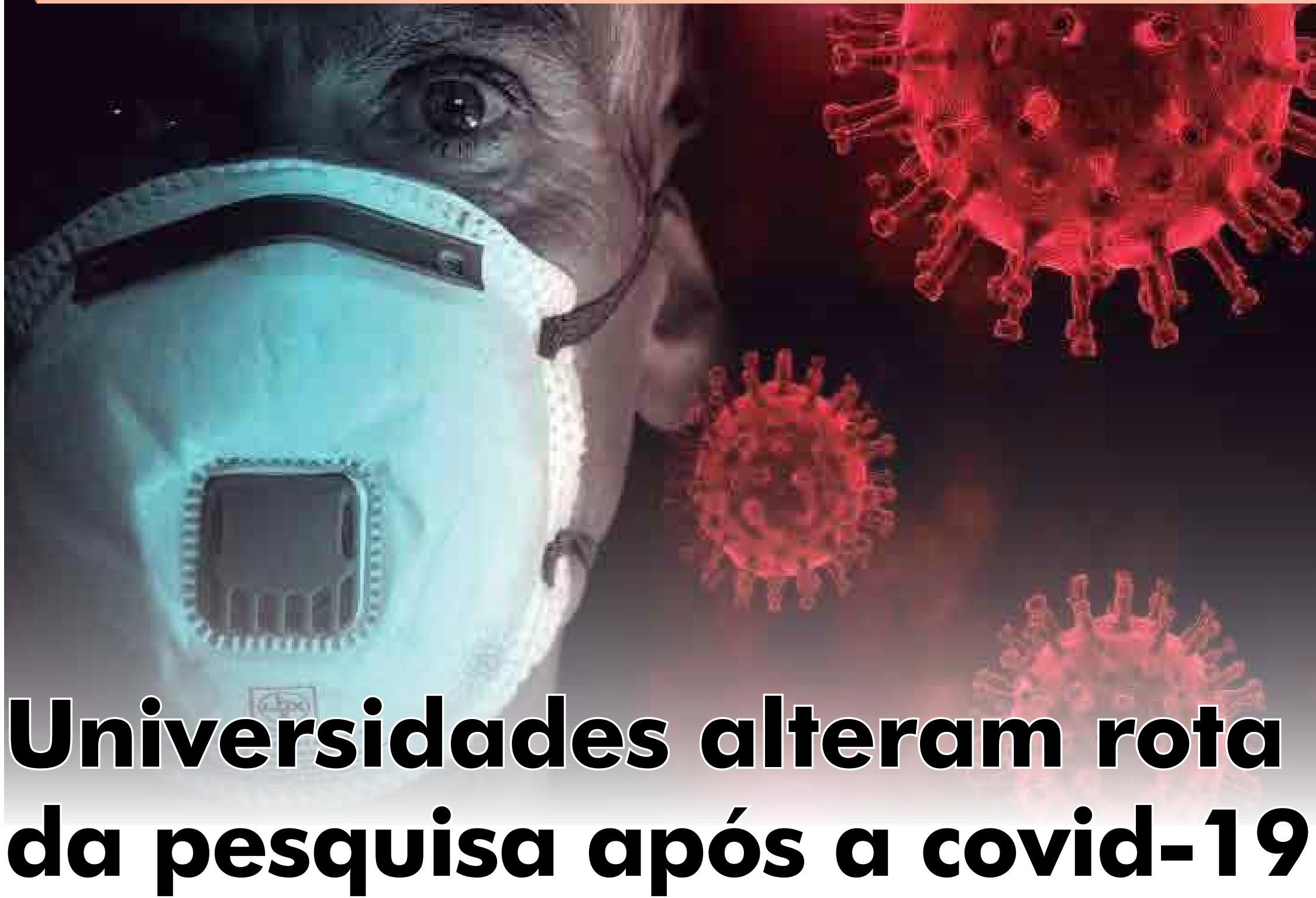
Existem projetos a serem desenvolvidos pela Cagepa?

■ Tem um projeto dentro das cidades, que nós estamos começando tão logo termine a pandemia, que é a recuperação das ligações clandestinas de água que tanto impactam a população. Aquele cidadão de tem o 'gato', que usa a água de forma irregular, não está furtando água nossa, de Marcus Vinicius ou do governador do Estado, ele está onerando a conta daquele cidadão que paga em dia. Então, nós vamos entrar e notificar para que ele regularize, pague seus débitos e volte a consumir. Nós temos um projeto que esse talvez seja o mais importante para a região da grande João Pessoa que é a conclusão da Barragem mais adutora, que vai garantir água para mais 20 anos, ou seja até 2040. E dentro desse projeto, nós temos uma adutora saindo de Gramame para atender a região que é a que mais cresce na grande João Pessoa que é a área de Tibiri, de Marco Moura e do Eitel Santiago, nós vamos conseguir tornar aquela região, que é umas das que mais cresce na cidade, dotada de água por mais 15 ou 20 anos. Então é uma novidade que a gente traz para Santa Rita, que faz parte da região metropolitana, é raté que pese uma decisão judicial o estado é titular do município e o município não pode sair por si só, apenas por uma questão financeira, porque nós estamos provando que o saneamento não tem cor partidária e sim um objetivo.

Podemos citar também o esgoto em Guara-bira, o novo projeto da adutora que vai ligar Lagoa do Matias à Belém, de Belém para Caiçara, Caiçara para Logradouro. Por exemplo, em Santa Inês onde a licitação foi autorizada pelo governador e provavelmente nos próximos dias ele dará a ordem de serviço, como um débito histórico no município de Mulungu. Perceba, uma comunidade, um distrito rural, mas a água levada pela Companhia de Água e Esgoto da Paraíba com recursos próprios da companhia, próprios do Governo do Estado, provando que o que entra de recurso aqui se reverte para população do estado da Paraíba.



Foto: Roberto Guedes



Universidades alteram rota da pesquisa após a covid-19

Na UEPB, mais de 20 estudos estão voltadas ao tema; na UFPB, 360 grupos atuam em projetos sobre a doença

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A pandemia do novo coronavírus mudou o foco das pesquisas nas instituições de ensino superior em todo o mundo. Enquanto algumas trabalham na busca de uma vacina para a cura ou prevenção eficaz, na Paraíba, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) têm projetos que incluem vacina, respirador a baixo custo e medicamento natural para amenizar os sintomas.

Só na UEPB, mais de 20 pesquisas específicas sobre o novo coronavírus estão em andamento. “Temos vários projetos que foram encaminhados, inclusive na chamada nacional para a pandemia. Estamos aguardando os resultados, e temos grupos trabalhando nesse sentido”, ressaltou a Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Maria

José Lima. Ela destaca uma série de projetos que estão sendo desenvolvidos pelo Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes).

Na instituição, um dos projetos que poderá trazer alívio para pacientes mais graves é um respirador projetado para ser comercializado a baixo custo. “O equipamento está pronto, foi feito o pedido do registro da patente e estamos aguardando”, destacou. O trabalho foi desenvolvido na área de saúde e de equipamentos, do Núcleo de Tecnologia em Saúde.

Outra equipe está trabalhando com os dados epidemiológicos, analisando como a doença está sendo disseminada. “Nossas pesquisas estão, de fato, mais voltadas para a questão do coronavírus. Houve mudança de pessoas que trabalhavam em áreas correlatas e, obviamente, numa pandemia, voltaram os estudos para este novo olhar. Mudou o comportamento”, observou.

A pandemia de covid-19 fez com que várias pesquisas fossem direcionadas para projetos que possam combater a doença

Novo coronavírus ressaltou a importância das equipes de pesquisadores e suas instituições



Fotos: Pixabay

De plantas medicinais a equipamentos, que já dão seus resultados

Na UFPB, cerca de 350 grupos de estudos atuam nos projetos, a maioria relacionada à covid-19. Uma das pesquisas em andamento busca evidências de um remédio natural, à base de plantas medicinais e aromáticas, que podem ter alguma interferência na transmissão e no quadro clínico dos pacientes, amenizando os sintomas.

O estudo está sendo realizado no Laboratório Clínica Fitossanitária e Etnomedicina da instituição e, em agosto, vai testar em torno de 600 moléculas isoladas de plantas, segundo o Pró-Reitor de Pesquisa (Propesq), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Isac Medeiros. Se os indícios forem com-

provados, a pesquisa será apresentada à comunidade científica, governos e sociedade para que sejam formuladas estratégias para empregar as plantas no enfrentamento da doença, evitando mais transmissões, reduzindo os impactos do surto e apoiando medidas de controle.

Além desta, temos outras pesquisas na área de diagnóstico e georreferenciamento da covid-19 na Paraíba. No Centro de Ciências da Saúde (CCS), há uma pesquisa focando na questão da vacina. Temos ainda projeto na área de construção de ventiladores pulmonares, que é um grande problema nessa pandemia”, destacou o Pró-Reitor da Propesq.

Alguns projetos de pesquisa na UEPB e UFPB



Respirador - Modelo de equipamento do Nutes envolve uma interface do usuário que possibilita a manipulação de diferentes variáveis utilizadas no tratamento por parte do profissional na UTI.



Videolaringoscópio - Equipamento para facilitar a intubação de pacientes que apresentam insuficiência respiratória grave, comum nos casos mais graves de pessoas com a covid-19.



Protetor facial - Este equipamento do Nutes evita que os bebês sejam expostos não só ao novo coronavírus, mas se define como uma barreira também para outras doenças.



Capacete - O modelo foi projetado para facilitar a respiração dos profissionais de saúde. Trata-se de uma estrutura com ventilação não invasiva.

Apoio financeiro é essencial para a ciência e tecnologia

Muitas agências investem em parcerias para pesquisas que vêm de instituições e empresas públicas e privadas

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Se tivéssemos um apoio maior, faríamos muito mais”. A afirmação é do pró-reitor de pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Isac Medeiros, em relação ao estímulo às pesquisas que a instituição vem recebendo.

Embora com alguma dificuldade, o apoio tem permitido desenvolver projetos de destaque, mesmo durante a pandemia. Assim, as atividades não foram inviabilizadas. Aprovadas por agências nacionais e do exterior, as parcerias para as pesquisas vêm de instituições e empresas públicas e privadas.

“A pesquisa não parou. Temos vários projetos em andamento e, para isso, tem sido feita uma articulação interna na UFPB. A reitora Margareth Diniz tem focado na questão do ensino, da pesquisa, outras ações de ensino que estão sendo desenvolvidas, inclusive na internacionalização”, observou Medeiros.

Ele acrescentou que não há como estimar o número atual de pesquisas em andamento, porque nem todas são registradas na base da Propesq. Algumas, segundo ele, têm colaboração individual com outras pessoas, e não são cadastradas.

Destaques

Além de contar com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa da Paraíba (Fapesp), há projetos aprovados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e outros por entidades de outros países.

“A Agência Universitária da Francofonia (AUF), por exemplo, está fomentando iniciativas de todo o mundo após uma seleção entre mais de dois mil trabalhos inscritos e submetidos à avaliação. Do total, apenas 92 foram aprovados, sendo três do Brasil, e um deles é nosso”, comemorou Isac Medeiros. A AUF é uma rede mundial de universidades francófonas e de estabelecimentos superiores de investigação, que tem sede em Montreal, no Canadá.

A UFPB possui outras parcerias com agentes externos, como indústrias e instituições privadas que têm dado apoio, doações. “A Reitoria dará andamento a essas parcerias no momento adequado, mas além disso, contamos com o apoio institucional e internacional”, acrescentou.

Na UEPB

O Governo Federal tem apoiado projetos como a Capes e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Em relação ao apoio financeiro, a pró-reitora Maria José Lima afirmou que a instituição está conseguindo manter as bolsas de iniciação científica. Atualmente, são 356 bolsas pagas regularmente.

Também está mantido o apoio para viabilizar o trabalho das equipes de pesquisadores, garantindo o acesso aos ambientes dos estudos e ainda disponibilizando material de consumo, de custeio.

Portanto, mesmo com esta fase pandêmica, a instituição está conseguindo trabalhar nas linhas de pesquisas.



Foto: Divulgação/FabLab-UFPB

Muitas agências de fomento à pesquisa têm sido parceiras para a efetivação de projetos que fortalecem as instituições de ensino na Paraíba

Foto: Arquivo Pessoal



Isac Medeiros, da UFPB, defende mais recursos para pesquisas. A pró-reitora Maria José Lima ressalta que a UEPB conta com 356 bolsas de pesquisas

Foto: Arquivo Pessoal



Fapesq: grande desafio é o combate à covid-19

Foto: Arquivo A União



O presidente da Fapesq, Roberto Germano, afirma que a ciência e a tecnologia têm um lugar especial na gestão de governo da Paraíba

“Neste momento, temos o grande desafio de enfrentar a covid-19. Estamos focados na solução desse problema”. Assim colocou o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), Roberto Germano Costa, ao

falar sobre a importância dos investimentos no campo científico e tecnológico a serviço da população, sobretudo neste período de pandemia.

Ele acrescenta que a Fundação tem dado todo apoio necessário aos proje-

tos voltados para este tema. Recentemente, a Fapesq lançou um edital de enfrentamento à covid-19, no qual foram apresentadas 48 propostas vindas das mais diversas instituições de ensino superior da Paraíba. Fundamentado em quatro

aspectos, o edital contempla, hoje, o financiamento de 18 propostas no Estado.

O edital elencou quatro eixos. “O primeiro diz respeito ao desenvolvimento dos equipamentos necessários ao combate da covid-19, que são os respiradores. Ti-

vemos a oportunidade de financiar dois projetos de respiradores. Um desenvolvido pela UEPB e outro pela UFPB. Outra linha do edital foi voltada para o diagnóstico da covid. Esses dois focos são bem centrais onde estamos dedicando mais atenção, mas sem deixar de levar em consideração a questão do tratamento. Além desses, temos o desenvolvimento de startups, de aplicativos para acompanhar a evolução da covid”, explicou o presidente da Fundação.

Para Roberto Germano, pode-se afirmar que a Paraíba tem um lugar especial para a pesquisa e tecnologia em vários aspectos. Não à toa, a educação se uniu aos campos, pois tratam-se de áreas indissociáveis. “Temos a Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, fazendo com que esses temas passassem a ser integrados. Hoje, a Paraíba goza de uma experiência singular com relação ao desenvolvimento científico e tecnológico”, afirmou.

Investimentos

Este reconhecimento colocado em prática vem resultando em largos investimentos dentro da área do desenvolvimento científico e tecnológico. De acordo com Roberto, apenas esse ano, mesmo em momento de pandemia, o Governo do Estado, já investiu mais de 12 milhões de reais nesta área.

“Isso faz com que o setor de ciência e tecnologia seja contemplado com seus projetos complementando os recursos que são investidos pelas agências de fomento em nível federal, já que na maioria das vezes esses recursos são trabalhados de forma compartilhada”, frisou.

Para este ano, de acordo com Germano, ainda estão previstas ações a serem realizadas pela Fundação através da iniciativa do governo estadual. “Certamente teremos investimentos anunciados pelo governador João Azevêdo na ordem de 10 milhões até o final do ano nas ações a serem desenvolvidas pela Fundação de Apoio à Pesquisa”.

Pandemia de covid aumenta custo de vida de paraibanos

Pesquisa aponta que brasileiros estão sentindo no bolso a elevação de preço de vários serviços na quarentena

Sara Gomes

saragomesilva@gmail.com

Para 65% dos brasileiros, os gastos com compras de mercado - alimentação e produtos de limpeza- aumentaram consideravelmente por conta da pandemia. Observou-se também um crescimento nas despesas fixas como serviços de água, energia elétrica e gás, segundo 46% dos brasileiros entrevistados. Por outro lado, as despesas com transporte diminuíram para 35% e o consumo de roupas, sapatos e acessórios também, na opinião de 34% dos entrevistados.

Os dados são da pesquisa Ipsos Essentials:Costof Living Amid Covid-19, que entrevistou 18 mil pessoas em 26 países, sendo 1000 delas do Brasil. Enquanto seis em cada 10 pessoas sentiram aumento no custo de vida, 15% disseram que os gastos diminuíram e 25% não sentiram diferença alguma nas contas no fim do mês.

Na Paraíba estes percentuais são bem perceptíveis. A idosa Jovelina Batista, 80 anos, moradora do bairro Mandacaru, em João Pessoa, tem sentido o impacto dos preços elevados no orçamento da feira do mês, desde o início da pandemia. “Eu antes morava nos Bancários, mas vim morar em Mandacaru para ficar mais perto dos meus filhos. Observei o aumento de tudo, principalmente, carne, queijo, leite, feijão e arroz. Antes eu comprava o leite ‘Ninho zero lactose’, de 16 a 18 reais a lata, agora está mais de R\$ 20 reais. Nunca mais comi carne de sol porque o quilo aumentou consideravelmente. Até a costela que é considerada uma carne inferior, está mais de R\$ 20 reais, o quilo”, avaliou.

Ela observou também um aumento nos produtos de limpeza e no preço do gás durante a pandemia. “Antes a gente comprava gás por R\$ 65 reais à vista, agora aumentou para R\$ 70, mas se for no cartão de crédito o preço é R\$ 80. Os produtos de limpeza como sabão em pó, água sanitária, desinfetante também aumentaram bastante”, disse. Apesar do publicitário Thiago Ferreira, 33 anos, estar economizando na mensalidade escolar dos quatro filhos. Os gastos com a feira do mês e energia elétrica aumentaram bastante. Antes da pandemia, o orçamento da feira era R\$ 1.000 e agora, a média é R\$ 1.400 reais. “Tudo aumentou com a pandemia, queijo, carne, arroz, feijão. A carne coxão mole era R\$ 22 reais e agora é R\$ 32, o quilo”.

Mas o que tem pesado no orçamento da feira mesmo é o lanche para os filhos. “Como eles iam à escola, os horários do lanche eram regulados. Eles comem fruta de manhã mas agora comem sem hora determinada: biscoito, bolo fofó, pão de queijo, pizza caseira, pipos. Nessa brincadeira, o dinheiro da feira vai embora todinho e, ainda por cima, o gás. Antes o gás durava dois meses e meio. Agora só dura um mês e meio no máximo”, comparou.



Foto: Agência Brasil

De acordo com pesquisa, a população passou a consumir mais e de forma mais cara. Despesas com alimentação aumentaram, bem como conta de energia e água, e o gás de cozinha

Foto: Arquivo Pessoal



Jovelina Batista disse que sentiu o aumento no preço da feira do mês; já Thiago Ferreira teve que adaptar seu orçamento à alimentação extra dos filhos, que estão em casa em isolamento

Foto: Arquivo Pessoal



Outros dados da pesquisa

■ Para 29% dos brasileiros as despesas com as compras de mercado (alimentação e produtos de limpeza) permanecem iguais e, para apenas 6%, os gastos diminuíram. Em relação aos custos fixos, 45% dos brasileiros não observaram mudanças, já 9% tiveram diminuição dos gastos com a pandemia. Em relação ao valor dispendido em impostos ficou maior para 33%, enquanto 7% relataram queda nos custos e 60% não notaram diferença. Para 42% dos brasileiros, os gastos com transporte continuam os mesmos e para 23% as despesas aumentaram. Em relação ao consumo de roupas e acessórios, 20% disseram que estão gastando mais e 46% não perceberam nenhuma mudança no bolso. A pesquisa online, realizada pelo Instituto Ipsos, entrevistou 18 mil pessoas, de 16 a 74 anos, entre os dias 22 de maio e 5 de junho. A margem de erro para o Brasil é de 3,1 pontos percentuais.

Oferta e procura incentivam aumento de preços

O economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lucas Milanez, explica que o aumento dos preços dos produtos de supermercado está relacionado à lei da oferta e procura. As despesas fixas também seguem a mesma lógica.

“Como as pessoas estão o dia todo em casa é natural o aumento do gasto com alimentação, energia elétrica, gás e outras despesas. Em relação ao aumento dos preços, devemos analisar dois elementos: as famílias estão consumindo mais produtos, logo, a demanda aumentou. Por outro lado, os empresários (oferta) também aumentaram os custos para se adequar às exigências sanitárias estabelecidas pela Anvisa, autoridades de saúde e Estado. Eles tiveram que adotar alguns protocolos de segurança (equipamentos de EPIs) e contrataram novos funcionários para desempenhar funções que nem existiam antes. São muitos fatores que justificam o efeito cadeia no aumento dos preços”,

Foto: Arquivo Pessoal



Lucas Milanez afirma que, com a pandemia, as famílias estão consumindo mais produtos

explicou.

Já o economista Nelson Rosas avalia que o aumento dos produtos de limpeza pode ter relação com a valorização do dólar. “Além do cuidado redobrado com a higienização dos alimentos, esse aumento pode ter relação com o aumento do dólar. “Na composição destes produtos, há muita matéria prima importada, então o aumento do dólar fez o valor do

produto subir”, opinou.

Nelson Rosas acredita que produtos alimentares como soja, milho e carne bovina também sofrem uma forte influência do dólar. “Esses produtos são cotados em dólar, fazem parte da chamada commodities. Quando as exportações são muito intensas, a tendência é sofrer uma elevação de preço. Deste modo, existem inúmeros fatores que devem ser avaliados”, explicou.

O consultor de empresas e planejador financeiro Rafael Bernardino aconselha aos consumidores a fazer uma pesquisa de preço, antes de fazer a feira do mês, indicando o aplicativo “Preço da Hora”, que possibilita aos consumidores paraibanos consultar, em tempo real, o preço de quase um milhão de itens comercializados. “O consumidor pode consultar estabelecimentos comerciais em toda a Paraíba. É uma ferramenta muito útil para que o leitor faça uma pesquisa de preço, sem sair de casa”, sugeriu.



Fotos: Roberto Guedes

Vocação para o ecoturismo com direito a causos e lendas

Cidade abriga a Pedra do Tendó e o Pico do Jabre, que fica a 15 quilômetros do município e é considerado o mais alto da Paraíba, com 1.197 metros de altitude

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

Orgulho para os teixeirenses dizer: “Vamos subir a serra de Teixeira”. A cidade fica a 320 km de João Pessoa, sendo conhecida pela famosa Pedra do Tendó, bloco cristalino rochoso que tem 800 metros de altitude e uma dimensão de 2 mil metros quadrados. Essa formação da rocha granítica, que impressiona com seu tamanho, foi o cenário escolhido para realização do Circuito Som das Pedras do ano passado.

O lugar é conhecido pelas lendárias histórias da Pedra do Tendó, que serviu de inspiração para vários poetas, por conta das lendas que são contadas sobre ela. Um desses poetas é o Zé Limeira, mais conhecido como “O Poeta do Absurdo”, nascido no sítio do Tauá, sendo ele referenciado como o maior poeta surrealista do mundo, alvo de estudos em faculdades francesas, berço do surrealismo.

Uma das lendas mais conhecidas sobre a Pedra do Tendó é a de que a pedra geme e chora. São exatamente essas lendas que deixam as pessoas curiosas para conhecer esse lugar turístico e cultural cravado no Sertão paraibano. Na verdade, o fenômeno é explicado pelo eco produzido pela propagação do som, seja do vento

ou dos carros que passam pela serra.

Entre as principais explicações para o nome da rocha, “Tendó” é atribuído ao grito desesperado de uma vítima que, após ter brigado com o inimigo, caiu em um abismo, e teria gritado “tem dó”, chegando o eco aos moradores locais. A Pedra do Tendó fica distante, aproximadamente, três quilômetros da cidade de Teixeira e faz parte da reserva ecológica criada no dia 16 de outubro de 1992.

O lugar em época remota era usado pelos tropeiros como ponto de apoio durante a viagem de comerciantes que seguiam destino à cidade de Patos, distante dali cerca de 25 km, ou mesmo com destino ao Estado de Pernambuco. Com clima serrano, em pleno Sertão paraibano, Teixeira se destaca pelo enorme potencial ecoturístico, sendo explorados vários lugares na Serra do Teixeira.

Um desses lugares que também compõem a Serra de Teixeira é o Pico do Jabre, que fica a 15 Km do município, sendo ele considerado o mais alto da Paraíba com 1.197 metros de altitude; o Tendó, vista deslumbrante onde pode-se observar todo meio ambiente, relevo e vegetação do Sertão paraibano; Pedra do Talhado onde pode-se praticar um excelente rappel; o Cruzeiro, com vista deslumbrante; além

da cachoeira “Poço da besta”.

Logo na entrada do município, um belo letreiro com os dizeres “Teixeira Abraça”, recepciona os visitantes em um canteiro no giradouro que dá acesso a outras cidades. São diversas rochas que compõem o município por estar localizado em uma formação montanhosa, a exemplo da “Pedra do Oito”, ponto de encontro de jovens e de crianças pelo fácil acesso ao seu topo.

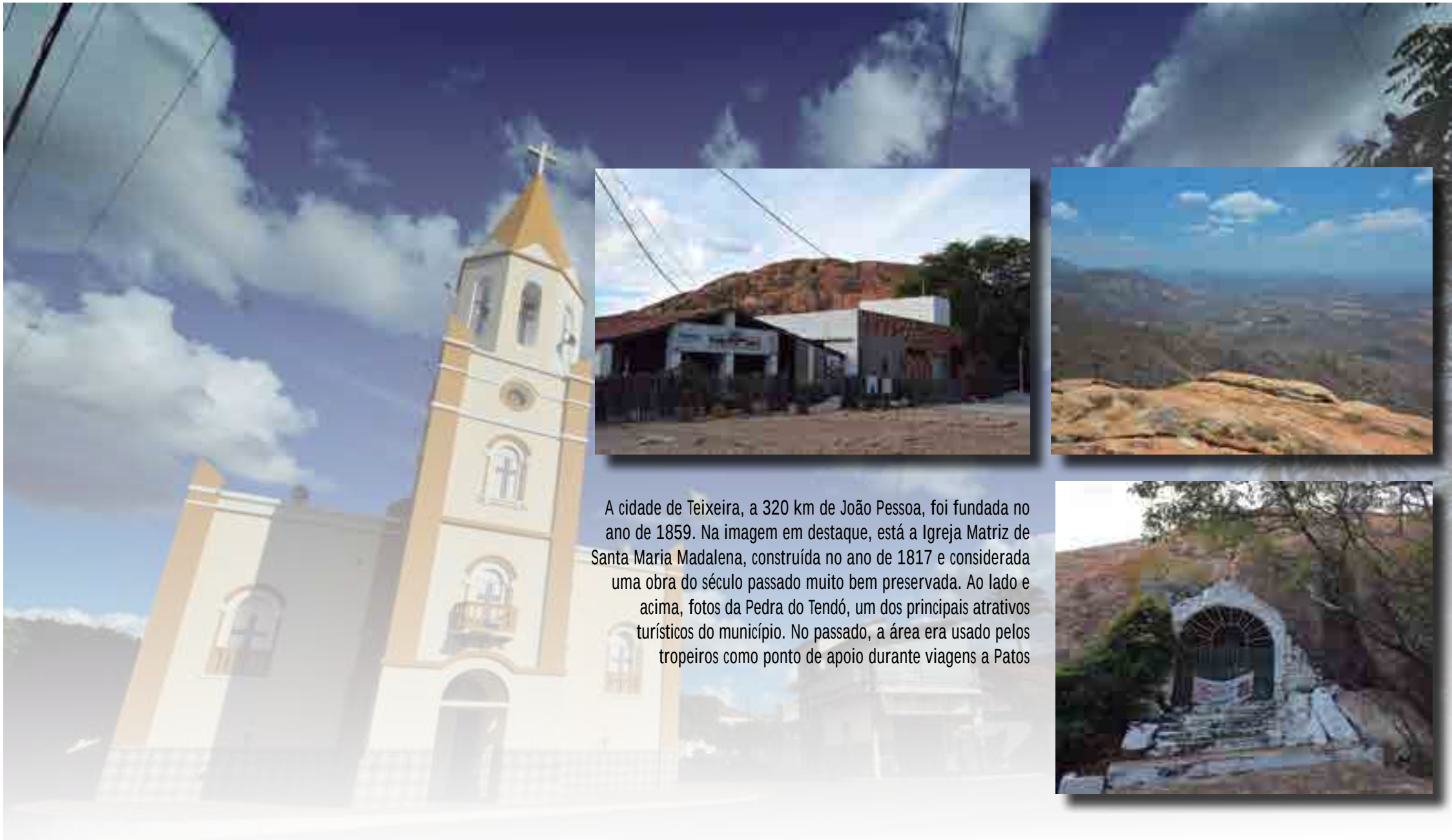
A Praça Central da Cidade de Teixeira, onde é realizada a tradicional festa de São João “Forró na Praça” e outras atividades é um ponto muito frequentado por conta da sua arborização. Quase defronte à Praça Central os visitantes podem fazer uma viagem a um tempo remoto no Museu Agar Nunes Guedes, que foi inaugurado em 2007, em homenagem à poetisa local, falecida em 05 de janeiro de 2013.

O espaço muito bem estruturado é pequeno e conta com um rico acervo. São móveis, utensílios domésticos, máquinas fotográficas antigas, instrumentos musicais, fotos antigas de pessoas das famílias tradicionais do município, ou seja, um lugar ideal para quem busca entender a história de Teixeira, cujo acervo é riquíssimo em histórias e vivências dos antepassados. A bela arquitetura da Igreja Matriz de Santa Maria Madalena, construída no ano de

1817 é considerada uma obra muito bem preservada do século passado.

Na Avenida principal do município um canteiro muito bem arborizado é um convite ao lazer. A Casa da Câmara e Cadeia, um presídio do século passado, situado no Centro da cidade, traz ao povo de Teixeira uma lembrança dos momentos políticos e históricos, cujo prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). São pontos turístico também no município, o Sobrado, um casarão da Rua Dario Ramalho, que foi construído no começo do século XX. Era a residência do coronel Cazuzinha.

E ainda o Monumento ao Coração de Jesus que foi construído pelo Padre Serrão, em preparação ao Congresso Paroquial, inaugurado no dia 27 de outubro de 1944. Outro lugar histórico no município que chama a atenção dos visitantes é a Cacimba da Baixa, que foi onde a cidade de Teixeira deu início ao seu povoamento, chamado na época de Canudos. A cidade de Teixeira foi fundada no ano de 1859. A localidade está em uma altitude de 768 metros, em relação ao nível do mar e possui uma população estimada em 13.034 habitantes. A área total de Teixeira é de 183,0km², e sua densidade demográfica é de 71,22hab/km² (habitantes por km²).



A cidade de Teixeira, a 320 km de João Pessoa, foi fundada no ano de 1859. Na imagem em destaque, está a Igreja Matriz de Santa Maria Madalena, construída no ano de 1817 e considerada uma obra do século passado muito bem preservada. Ao lado e acima, fotos da Pedra do Tendó, um dos principais atrativos turísticos do município. No passado, a área era usado pelos tropeiros como ponto de apoio durante viagens a Patos



Foto: Divulgação

PB celebra o centenário de nascimento de Celso Furtado

Parceria da EPC com ABL e o último volume da trilogia 'A esperança militante' integram comemoração

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Para celebra e encerrar um projeto dedicado ao economista e escritor Celso Furtado (1920-2004), que completaria 100 anos neste domingo, será lançado o último volume da trilogia *Celso Furtado – A esperança militante: Desafios*, e-book publicado pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), em parceria com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), por meio da Editora A União. Também fruto de uma parceria, esta entre a EPC e a Academia Brasileira de Letras (ABL), também foi anunciado o lançamento de *Celso Furtado: Pensar o Mundo, Para Mudá-lo*.

O evento contará com uma transmissão ao vivo, cuja programação comemorativa inclui debates e terá a participação virtual do governador da Paraíba, João Azevêdo, a partir das 15h, através do canal oficial da Rede UEPB no Youtube.

Na ocasião, ainda haverá os lançamentos em formato digital das obras anteriores da coleção, *Interpretações* e *Depoimentos*, além da edição especial da revista *Cadernos de Desenvolvimento* (www.cadernosdodesenvolvimento), do Centro Celso Furtado,



Foto: Otávio Magalhães/Estadão Conteúdo

Há 100 anos nascia Celso Furtado, pensador econômico e social, duas vezes ministro e ex-superintendente da Sudene: militante das causas que julgava corretas

e Latina, da Europa e do Canadá que escreveram textos à luz das diversas construções científicas formuladas por Celso Furtado. E, portanto, é a reunião de uma série de estudos teóricos e práticos sobre economia, sobre desenvolvimento regional, sobre modelos econômicos, sobre sociedade e cultura”, observou o diretor da EDUEPB, Luciano Nascimento Silva.

Ele ainda antecipou que a transmissão está dividida em três partes: “No primeiro bloco, nós teremos uma abertura cultural, de caráter musical;

do Centro Internacional Celso Furtado e algumas obras da Editora A União”, pontuou Luciano Nascimento. “No terceiro e último bloco, teremos uma abertura com a professora e parceira histórica nas atividades científicas nas atividades acadêmicas com Celso Furtado, Tânia Bacelar; depois, teremos as falas dos três organizadores da coleção Celso Furtado: os professores Cidival Morais, José Luciano Albino Barbosa e Ivo Marcos Theis; e finalizaremos com atrações culturais de caráter musical, organizadas pelo sta-

temáticas que vão da clássica industrialização, passando por questões relacionadas ao planejamento, desenvolvimento e subdesenvolvimento, até temas como educação, comunicação e cultura”.

EPC & ABL

Celso Furtado: Pensar o Mundo, Para Mudá-lo. A obra reúne textos de vários autores, e sai com o selo da Editora A União e da Academia Brasileira de Letras (ABL) e será lançada em breve.

“O objetivo deste livro, que nasce de uma parceria entre a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), a Academia Brasileira de Letras e a jornalista e tradutora Rosa Freire d’Aguilar, é contribuir para a construção de um perfil que se aproxime sempre mais de Celso Furtado”, explica o diretor de mídia impressa de A União, William Costa.

O livro traz o discurso de posse de Celso Furtado na ABL e seis textos escolhidos do autor, além de material produzido pela presidente da EPC, jornalista Naná Garcez, pelo presidente da ABL, o escritor Marco Lucchesi, além de Neide Medeiros Santos, Zélia Almeida, José Octávio de Aruda Melo, Ignácio de Loyola Brandão, Edmar Bacha, Murilo Melo Filho e Eduardo Portella (esses dois, in memoriam).

Congresso

No período de 26 a 28 do próximo mês será realizado o congresso nacional sobre o tema “Direito, economia e desenvolvimento”, também dentro da programação de homenagens ao centenário de nascimento de Celso Furtado.

O evento ocorrerá no Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba, que é organizado por um grupo de pesquisa registrado na plataforma do CNPQ, o Núcleo para Pesquisa dos Observadores do Direito.

A transmissão será pelo canal da TV UEPB no Youtube e participarão do evento os organizadores da trilogia sobre Celso Furtado, além da viúva Rosa Freire d’Aguilar, a presidente da EPC, Naná Garcez, a professora da UFPB Anne Augusta Alencar Leite, o professor da Uninassau Júnior Flor, bem como convidados de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.

Cartas inéditas serão publicadas em 2021

“Saudades é uma palavra difícil de definir. Às vezes, eu gostaria de conversar com Celso, saber o que ele acha de certos assuntos, da situação do Brasil, do mundo. Também gostaria de ouvir comentários dele sobre essa crise que estamos vivendo”, confessou a viúva do paraibano Celso Furtado, Rosa Freire d’Aguilar, sobre a ausência do marido, que morreu no dia 20 de novembro de 2004, aos 84 anos.

Ao garantir que “seria muito bom” para o Brasil, nesta conjuntura atual, se o país ainda pudesse contar com ele, a viúva antecipou que está com mais um livro pronto, uma seleção da sua “correspondência intelectual”, com cartas inéditas. Segundo ela, a obra será lançada no início de 2021.

Rosa Freira disse que todo o material publicado em novembro pela Companhia das Letras, no livro *Diários Intermitentes de Celso Furtado*, também era inédito até então. “Evidentemente, em seus acervos há textos inéditos, ou ao menos versões anteriores de textos que foram publicados posteriormente”, garantiu a jornalista e tradutora.

No dia 20 de novembro completará 16 anos da morte de Celso Furtado. De forma convicta, Rosa Freire conjecturou que seria positivo para o Brasil atual, se ainda pudesse contar com o economista. “Ele era uma pessoa de um rigor intelectual, de uma abrangência de pensamento, de imensa experiência com os assuntos do mundo. Morou anos no exterior, foi por mais de 20 anos professor da Sorbonne e outras universidades da Europa e dos EUA e da Ásia, tinha uma obra imensa, de muita reflexão. Uma pessoa dessas, com esse legado, não é que faça falta, mas seria muito bom para o Brasil se pudéssemos contar com ele. Que as novas gerações, que os leitores do seu jornal ao menos leiam algo da produção dele. Leiam e reflitam. É o que desejo neste centenário.

Celso Furtado considerava a teoria do subdesenvolvimento como sua contribuição mais relevante para a ciência econômica. “Por mais de 60 anos, ele se dedicou, como homem de pensamento, mas também como homem de ação, a tentar entender as raízes do subdesenvolvimento, as especificidade dos países subdesenvolvidos, as componentes que aí entravam e que eram tão difíceis de serem modificadas. Foi uma vida pensando o tema, que necessariamente é uma contribuição muito relevante”, afirmou.

Furtado também não se esquecia da Paraíba. “Mais que isso: sempre que podia, dava – muitas vezes eu com ele – uma escapada para visitar João Pessoa. Ele já estava no exílio há 10 anos quando, por volta de 1974, voltou ao Nordeste pela primeira vez. Foi direto para João Pessoa, onde passou despercebido até que alguém o reconheceu na rua. Íamos bastante a capital paraibana, inclusive porque Celso, na juventude, chegou a planejar construir uma casa em Praia Formosa. Depois, a vida tomou outros rumos e ele vendeu o terreno que tinha por lá, e que era lindo, num coqueiral à beira da praia”, relembrou Rosa Freire.

Foto: Arquivo A União



Para Rosa, seria muito bom se o Brasil ainda pudesse contar com Furtado



Fotos: Divulgação

Capas das duas novas obras, cujo conteúdo reflete o pensamento de Celso Furtado

dedicada ao centenário do paraibano natural de Pombal.

“Creio que a UEPB fez um trabalho fantástico. Cidival Morais, Luciano Albino e Ivo Theis deram à trilogia um título muito feliz, que resume perfeitamente quem ele era: se Celso Furtado não foi um ‘militante’ no sentido mais imediato da ‘agitação política’, foi alguém que sempre militou pelas causas que julgava corretas. E não perdia a esperança de termos um país mais justo, mas equânime”, ressaltou a viúva do economista, a jornalista e tradutora Rosa Freire d’Aguilar, que atualmente se encontra na França.

O terceiro volume da coleção, *Desafios*, foi produzido com a colaboração de pesquisadores, pessoas que se inspiraram em Celso Furtado e atuam na área do desenvolvimento regional, um dos principais temas da obra do economista. “Esse volume contém uma série de estudos de teóricos do Brasil, da América do Sul

teremos a fala do governador João Azevêdo, que irá entrar ao vivo; depois, a fala do reitor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professor Rangel Júnior; representando a Empresa Paraibana de Comunicação, estará a jornalista Naná Garcez; além do presidente da Associação Brasileira de Economistas pela Democracia (Abed); um integrante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); o presidente do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, direto do Rio de Janeiro; e um membro do Conselho Regional de Economia (Corecon) da Paraíba. Esse primeiro bloco será finalizado com a fala de Rosa Freire d’Aguilar”.

O segundo bloco será totalmente destinado a lançamentos. “O lançamento dos três volumes, ao mesmo tempo, da trilogia *Celso Furtado – A esperança militante*; depois, teremos lançamentos de livros da Abed; também

ff da UEPB”.

O diretor da Editora da UEPB ainda acrescentou que, além das instituições mencionadas, a Fundação Perseu Abramo é parceira do evento, cujo intuito é celebrar Celso Furtado e sua contribuição para o pensamento econômico brasileiro. A programação também contará com a participação do economista Mariano de Matos Macedo, que, com Tânia Bacelar, debaterão os desafios do planejamento regional e urbano.

Um dos organizadores da *A esperança militante*, o professor Cidival Morais informou que a produção de *Desafios* contou com a colaboração de pesquisadores que atuam na área do desenvolvimento regional, um dos principais temas da obra de Celso Furtado, em quem se inspiram. “Estão contemplados, nesse conjunto, pesquisadores de todas as regiões do país que têm como linha comum de ação o desenvolvimento regional, em

Artigo Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Ciência, lógica e verdade

Tradicionalmente, os manuais de metodologia científica apresentam definições tautológicas sobre as ciências empíricas: “São aquelas que derivam seus conhecimentos da experiência, de fatos observáveis”. A matemática, nesse caso, não seria bem o que se pode chamar de ciência empírica, pois, como se apoia em tautologias e na lógica, não preencheria tais requisitos.

Para entender o que se passa, é preciso distinguir as proposições sintéticas e analíticas, compreendendo como estão interligadas a dois tipos de ciência. Uma proposição analítica é aquela em que o predicado está contido no sujeito: “uma mulher magra é uma mulher”. Sua contradição é autocontraditória. Filósofos como Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein concordavam que “as proposições que fazem parte da lógica, ou que se podem provar pela lógica, são todas tautologias”.

Quando se diz em linguagem lógica “A implica B, então não B implica não A”, repete-se a mesma coisa com símbolos diferentes. Tautológicas segundo a sua forma, não segundo o conteúdo.

A lógica é, desse modo, uma disciplina com alto teor de abstração voltada à universalidade. Não se ocupa de situações particulares, mas de estruturas fundamentais. Em geral, seus enunciados são símbolos que podem ser substituídos por variáveis.

Kant dizia que “se um juízo é pensado com universalidade rigorosa, isto é, de modo que não lhe permita nenhuma

exceção como possível, então não é derivado da experiência, mas vale absolutamente a priori”.

As proposições sintéticas constituem o extremo oposto das analíticas. Elas são não tautológicas, dependentes da experiência. Suponhamos que alguém afirme que “amanhã será um dia chuvoso” ou que “o Flamengo sairá vencedor do próximo Campeonato Brasileiro”. Nada garantirá, de antemão, que tais asserções estejam certas. Elas possuem caráter contingente.

Karl Popper dizia que tais proposições são a pedra-de-toque do conhecimento científico. O seu famoso conceito de demarcação científica, a falseabilidade, é consequência dessa ideia. No falsificacionismo popperiano, para que uma proposição seja considerada científica, é preciso que possa ser refutada. Excluem-se assim automaticamente as afirmações dogmáticas e metafísicas. O que significa a clara negação da ideia de que o desenvolvimento da ciência é consequência do acúmulo sucessivo de verdades.

O avanço da ciência seria obra de um processo de formulações de hipóteses suscetíveis à experimentação. A incapacidade de refutação, em dado momento histórico, não significaria que determinada hipótese seja verdadeira em sentido pleno. A história comprovaria a ocorrência de muitas retificações e mudanças de teorias e paradigmas. A verdade científica seria sempre aproximada e provisória.

Estética e Existência Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A saúde social da ‘Rerum Novarum’

As corrupções; a influência criminosa da riqueza nas mãos de empresários perversos; as digladiacões entre trabalhadores e patrões; a perda da dignidade trabalhista; o caos da crise sanitária em crise política; tudo isso gerou um terrível conflito social e mortes de milhares cidadãos. Diante desse terror, a urgência de inovações para a saúde financeira se tornou uma necessidade criativa da economia. É possível inovar, mas o cidadão está apreensivo e inseguro para entender os interesses obscuros da maldade do poder econômico manipulado por psicopatas. Precisamos pensar com a prudência dos sábios, a fim de fortalecer a democracia e assegurar a participação crítica do cidadão no seu pertencimento e negociações trabalhistas, só assim é possível salvar a sobrevivência do cidadão e a saúde política do Estado, porque assegurar a vida de um cidadão é salvar a sociedade. A dignidade de um cidadão gera a riqueza econômica e impulsiona a economia criativa. O patrimônio econômico de um Estado surge das inovações da economia criativa do cidadão, por isso que salvar a vida do cidadão é salvar a economia de um país.

Nas tensões sociais atuais, as causas do conflito se caracterizam pela situação de sofrimento. A cada dia o cidadão se encontra isolado e sem defesa e entregue à fúria duma concorrência desumana, que impõem um despotismo servil de cidadãos enlouquecidos pela fome e desemprego.

O teólogo e político alemão Wilhelm Emmanuel von Ketteler (1811-1877) desenvolveu temas do cristianismo social. O cardeal Ketteler combateu a pobreza. Reivindicou o aumento de salário dos trabalhadores, férias, redução da carga horária de trabalho e a eliminação do trabalho infantil. Suas teses se enquadram nas ideias distributivas, essa teoria tem como característica se opor ao capitalismo e ao socialismo em defesa da propriedade privada e de uma concepção de liberdade. Para a teoria distributiva, o capitalismo e socialismo são sistemas concentradores de poder: o capitalismo concentra o poder nas mãos de indivíduos gananciosos; o socialismo, nas do Estado. A Teologia, Filosofia,

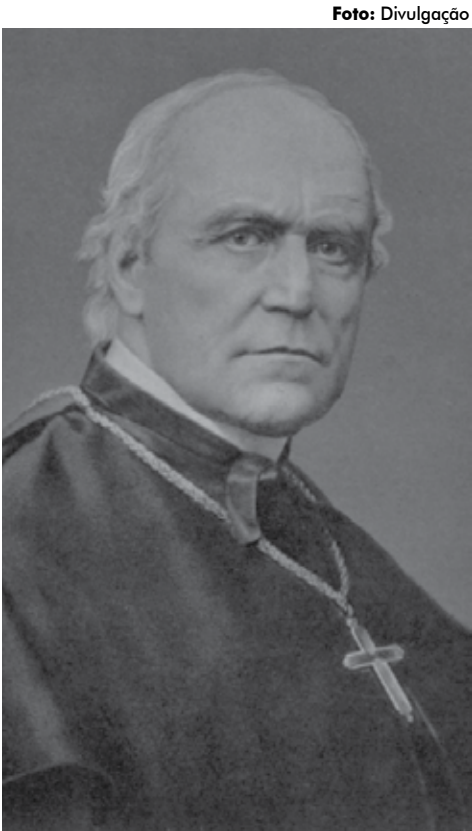


Foto: Divulgação
Teólogo e político alemão Wilhelm von Ketteler

Ciências Sociais, Economia e ateus foram todos inspirados pelas teses de Ketteler para construir a saúde social. De forma decisiva, Ketteler influenciou vários documentos da doutrina social cristã, em especial a clássica *Encíclica Rerum Novarum* (1891). O papa Leão XIII muito produziu sobre a doutrina social – influenciado por Ketteler –, alguns documentos são estes: *Diuturnum Illud*, de 1881, analisa a origem da autoridade civil; *Immortale Dei*, de 1885, apresenta a constituição cristã dos Estados; *Libertas Praestantissimum*, de 1888, questiona a verdadeira e a falsa noção de liberdade; *Sapientiae Christianae*, de 1890, argumenta os deveres dos cidadãos cristãos para com os seus Estados; e a clássica e mãe da doutrina social cristã, a *Rerum Novarum*, de 1891, analisa o trabalho e o capital, isto é, os direitos e deveres de empresários e trabalhadores. Nesses documentos, o papa Leão XIII afirmou que o cristão não é inimigo de ninguém, e o objetivo de todo cidadão é construir a saúde social.

A *Rerum Novarum* apresenta questões da revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século 19. O papa Leão XIII apoiava o direito dos trabalhadores de formarem sindicatos, mas rejeitava o socialismo e o capitalismo irres-

trito, enquanto defendia os direitos à propriedade privada. Discutia as relações entre o governo, a economia, o trabalho e a doutrina social do cristianismo. Essa Encíclica critica a falta de princípios éticos e valores morais como uma das causas dos problemas sociais numa sociedade laicizada. E propõem princípios que devem ser usados na procura de justiça na vida social, econômica e industrial, como, por exemplo, a melhor distribuição de riqueza; a intervenção do Estado na economia a favor dos mais pobres e desprotegidos; a compaixão do patronato ao sofrimento da classe operária. Aqui entende-se que o sofrimento do cidadão é a origem da pobreza e também a violência social.

A *Rerum Novarum* questiona a desumana situação social e critica a miséria e pobreza dos cidadãos que estão submetidos a um liberalismo irresponsável de um capitalismo patológico e de padrões perversos. No contexto social da *Rerum Novarum* de 1891, os trabalhadores estavam sendo vítimas da cobiça e de uma concorrência desenfreada da ganância e de leis que haviam perdido o sentido e os princípios cristãos, num dos trechos lemos: “...é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida”. Também criticava a concentração das riquezas nas mãos de poucos e do mau uso que dela faziam, e denuncia a escravidão servil à imensa multidão de trabalhadores famintos e desprovidos de toda dignidade humana. Influenciada pelas teses de Ketteler, a *Rerum Novarum* afirma que o cidadão antecede ao Estado em valor, em dignidade, em importância e o antecede também no tempo, e que o fim do Estado é propiciar o bem comum do cidadão e de prover-lhe os meios para que possa alcançar a felicidade. Não é o cidadão para o Estado, mas o Estado que existe em função do cidadão.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 277 Domingo Sinfônico, deste dia 26, das 22h às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar a construção da identidade de um país a partir da arte.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Bovary não é uma vadia

No filme *Pecados Íntimos* (2006), de Todd Field (um cruel relato das famílias americanas de classe média, onde as aparências não se enganam), um grupo de mulheres conversam numa sessão caseira, quando uma delas diz que gostou muito do conteúdo do livro *Madame Bovary* (de Gustave Flaubert, 1856). “Madame Bovary é uma vadia”, ataca outra do outro lado do sofá. Voltei ao livro e não encontrei vadiagem na personagem de Emma Flaubert.

Quando li o livro, no final da década de 1970, achei fabuloso. A personagem Charles Bovary que tem um envolvimento com Emma, é um homem sem sonhos, bem estúpido, insensível, mas muito apaixonado por ela, que, após um tempo juntos coloca seu sobrenome na moça. A gente pode pensar que a Madame Bovary nasceu ali, mas não. Ela vem de longe. Ela existe, ela resiste e ultrapassa séculos. Isso engrateceu a vida de Emma? Não sei, até porque dizem que a Madame Bovary era o próprio Flaubert.

“O dever é sentir o que é grande, querer o que é belo, e não aceitar todas as convenções da sociedade, com as ignomínias que ela nos impõe.”

Emma, uma mulher de vontades livres, sonhadora, que acreditava que a felicidade pelo amor era exatamente da forma como estava descrita na literatura. Ledo engano. O amor muitas vezes é mais frio que a morte. O amor ideal pode ser uma ruína. O “felizes para sempre” já está batido, digo abatido. Isso não existe. Não, Emma não é uma vadia.

O livro abre com uma dedicatória de Flaubert a seu advogado, Marie-Antoine Sénard, que fez boa defesa, para que a obra fosse publicada. Por conta do tema, li que Flaubert enfrentou dificuldades até ver a obra nas livrarias e nas mãos dos leitores, principalmente, os conservadores. A confusão nos tribunais, data de 1857. Flaubert foi acusado de ofender à moral e à religião. Olha só, ofender a moral. E os bons costumes? O que vimos hoje, não é bem diferente do século 19.

O livro traz um recado cru a respeito do adultério, cujo efeito é um alarde a uma censura que despertou a curiosidade de milhares de pessoas escondidas por trás de seus desejos.

No filme *Pecados Íntimos*, a personagem Sarah (Kate Winslet), uma bela mulher que pode ser a Boravy da história (a da reunião com as outras mulheres), defende Madame Bovary dizendo que “se trata do desejo, e desejar não é crime”. É um filme feito para pessoas inteligentes? Nada é previsível. Não recomendo porque podem achar que é um filme B americano, etc.

Quantas vezes me senti a Madame Bovary? Voltemos ao livro. Um esplendor. Se a gente fosse pensar no prazer da mulher, a da canção que diz não é só casa e comida que faz uma mulher feliz, então, que o homem possa corresponder além do ser bom marido, bom de cama.

“Não sabeis que há almas que vivem incessantemente atormentadas, almas que precisam se entregar alternadamente ao sonho e à ação, às mais puras paixões e às mais desenfreadas alegrias, a ponto de finalmente se entregarem a todo tipo de caprichos e loucuras?”

Bom, essa história não tem fim. Uma história que começa onde as outras costumam avançar, acabou me fazendo a assistir a série *Desejo Sombrio*, que tem sequências contemplativas, cenas que olham para *Madame Bovary*, como a melhor narrativa e objetivo analítico.

Voltemos a realidade. Será que essa pandemia terá fim? Só depois da vacina? Esquece, mas a Madame Bovary não é uma vadia. Jamais.

Kapetadas

- 1 - Please não tentem explicar o amor. Não tentem explicar o desejo;
- 2 - Diga os *influencers* que tu assistes e te direis quem és;
- 3 - Som na caixa: “Te perdoo, por fazeres mil perguntas, que em vidas que andam juntas, ninguém faz”, Chico Buarque.



Foto: Divulgação
Isabelle Huppert é a 'Madame Bovary' (1991), de Jean-Francois-Balmer

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Serviços on-line disponibilizam um cinema virtual na sala de casa, mas, apesar das novas tecnologias, as grandes telas resistirão



Plataformas de 'streaming' seriam ameaça ao cinema?

Ao longo dos tempos, desde os meus labores de exibidor com o meu pai, que hoje me lembre, o cinema tem sido ameaçado das mais diversas formas possíveis. Uma ameaça que veio mais com a televisão dos anos 1960/70, quando se falava abertamente que as salas de cinema seriam todas fechadas. Alegava-se a sua facilidade de uso doméstico e que, já naquela época, tinha-se “uma imagem de TV muito boa” (sic) e uma cômoda diversão dentro de casa. Não foi o aconteceu.

O cinema, de fato, perdeu tão só uma de suas posturas mais clássicas: o célebre e *grand début* do entretenimento social, com as pessoas preterindo o habitual rito de “ir-se ao cinema”; hoje, inversamente, vai-se ao shopping...

Esse comportamento da sociedade nos levou a uma transformação na maneira de se assistir a um filme, mas não contribuiu, de todo, para uma ampla extinção do cinema, como previam os engabelados pela comunicação falsa daquela época. Apenas os cinemas de bairros, como foi o caso de João Pessoa e das capitais brasileiras, mais ainda, das muitas cidades menores, a sofrerem com o advento da televisão. Como exemplo o nosso, que resistimos em

Santa Rita até o início dos anos 1980, com duas salas funcionando.

Vendo-se a questão não apenas pelo lado das perdas, do fechamento de muitas salas de exibição pelo país, o cinema teve ganhos muito importantes também. O aprimoramento das técnicas de filmagens e de exibição – imagem e som – vieram com os formatos 3D (revelado não muito prático), VistaVision, Cinemascope e, por fim, o Cinema. Fases realistas na construção de uma cinematografia em plena evolução, inclusive mercadológica, utilizando a película fílmica; não o “videoteipe”, esse que chegaria tempos depois, no início dos anos 1960, basicamente com a televisão e o seu *game over* ao uso da película cinematográfica.

Antes disso, todos os registros audiovisuais externos para a TV eram feitos em película fílmica de 16mm. Lembro que muitas vezes eu e Machado Bitencourt fizemos “comerciais filmados” para a TV Boreborema, em suporte Kodak diapositivo.

Contudo, vejamos a questão da produção audiovisual de hoje no mundo todo. No caso da cinematografia, essa tem se tornado mais barata com uma “nova feição” de digitalização da imagem. O fato é que a produção audiovisual tem sido trabalhada através do uso de possibilidades adap-

táveis aos novos tempos digitais. E isso já advém com a forma clássica desaparecendo naquela configuração pesada de muitos recursos e de infraestrutura em cinema. Não se sabe bem como ficará a questão do produto fílmico, esse à base de filmagens em película, propriamente dita. O digital barateou o mercado produtor e exibidor. O alardeado termo “produção de grande porte em cinema”, a partir de agora pode ser relativo. Como também, algumas máximas, tais como: o “novo moderno” ou, no caso, “Cinema Virtual” e coisa e tal...

Será que as tais plataformas de *streaming* seriam mesmo cinema? Uma questão a se pensar. Já que o fechamento das salas de cinema pode até acontecer, mas não no todo. Mesmo sob influências das grandes distribuidoras *at home* Netflix e Amazon. Como foi caso no advento da TV. Não obstante, as tais novas tecnologias, renovadoras e necessárias, as grandes telas resistirão, transmutando de prédios isolados para os shoppings; ou, para quem sabe, o Cine Drive-in não seria uma saída, mais uma vez?

Mas o audiovisual vai continuar promissor, diante das inúmeras possibilidades tecnológicas. E isso está fora de questão. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APV) - Cadeira 8, Patrono: Manoel Henrique de Sá (Ocupante: memorialista Ivan Araújo Costa). Henrique de Sá foi proprietário do Cine Pathé, o primeiro cinema construído na Paraíba, em 1911. Nele, exibiam-se “espetáculos recreativos, instrutivos e familiares”, conforme seus anúncios. Em 1915, com materiais e equipamentos comprados na Europa, inaugurou o novo cinema Pathé, sofisticado, exibindo “só fitas de sucesso”. Nas sessões de sábado, criou o sorteio de uma libra esterlina através de ingressos numerados. Morreu com idade avançada, em João Pessoa, onde nasceu.

Cultura Popular

Celso Furtado vira tema de cordel

Cairé Andrade

caireandrade@gmail.com

Em homenagem ao centenário de Celso Furtado, acontece hoje, às 19h, pelo perfil do Facebook de Silvinha França, uma transmissão ao vivo do lançamento de um cordel sobre o economista, escrito com inspiração e dedicação à vida pessoal e profissional do paraibano. O evento conta ainda com a participação do grupo musical 3TOM.

Silvinha França realiza a *live* diretamente de Araújo e, bem como outros cordéis elaborados, o novo trabalho é um registro artístico sobre uma figura tão importante historicamente no campo acadêmico nacional e estrangeiro. “Ele traçava estratégias que pudessem promover o desenvolvimento do Brasil e questionava sobre as disparidades econômicas principalmente entre as regiões Nordeste e Sudeste”, aponta. “Poucas pessoas conhecem quem foi Celso Furtado e menos pessoas ainda sabem que ele era paraibano, nascido em Pombal”.

Para Silvinha, esta pode ser uma oportunidade para conhecer sobre a história do economista que incentivou a escrever um novo cordel, que retrata um pouco sobre a biografia e da “ousadia” do economista, como ela explica.



Imagem: Divulgação

‘Live’ contará com declamação da obra e apresentação musical da banda 3TOM

“Ele estava sempre inovando, buscando alternativas para o desenvolvimento de lugares periféricos”.

A transmissão contará com a apresentação musical do 3TOM e a declamação do cordel. “Estamos realizando uma seleção de músicas que retratam o contexto nordestino”, explica a autora, como parte da temática da homenagem.

O cordel em si, entretanto, será disponibilizado apenas em formato físico. Para adquiri-lo, é necessário entrar em

contato pelo Facebook. “Gosto mais da possibilidade de disponibilizar o cordel impresso. Quem tiver interesse, pode entrar em contato comigo e então posso enviar, além deste, outros trabalhos”.

Celso Furtado, que atuou firmemente contra as desigualdades, para Silvinha França ele foi uma figura que “evidenciou a possibilidade de um desenvolvimento e que para isso era necessário a realização de uma reforma política”, como ela analisa. “Foi uma figura inovadora e de muita coragem que se dedicou a pensar na nossa região. Um homem nordestino que lecionou em grandes universidades mundo afora. Só acho lamentável que ele tenha suas ideias tão pouco aplicadas aqui no Brasil”, conclui.



Através do QR Code acima, acesse o perfil no Facebook da autora Silvinha França

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Romances e meus leitores

Um de meus leitores ou leitoras, pois não se identificou, disse-me que tinha dois romances de Balzac e que também perdera as ilusões. Ter romances de Balzac é bom; já perder as ilusões, não sei. Fica difícil viver sem elas (as ilusões). Frutos do desejo, são elas que parecem mover a roda da vida em seu fluir incessante. Fico imaginando quais seriam esses romances.

Pelo adendo à frase inicial, em seu formato trocadilhesco e alusivo, arrisco-me a afirmar que um deles só pode ser *As Ilusões Perdidas*, cujo enredo gira em torno do jovem Lucien de Rubempré, tentando a vida em Paris em meio aos embates, tristezas e alegrias do mundo jornalístico. Talvez o outro seja o Pai Goriot, ou Eugene Grandet, ou mesmo Seraphita, que impressionou o genial Henry Miller em sua multifária e inexaurível experiência de leitura.

Depois me disse esse leitor ou leitora que tinha um só romance de Stendhal, muitos contos de Maupassant, algo de Zola e de Victor Hugo, compondo a trincheira literária do século 19, de seu gosto pela literatura francesa.

Assegurou-me que vive lendo e relendo *O Vermelho e o Negro*, e que vê, em Julien Sorel, um dos personagens mais bem talhados da narrativa ocidental e, em seu criador, um dos que mais fria, analítica e profundamente investigou o motivo da ambição e do egoísmo.

Lembrou-me, aqui, o saudoso cronista Luís Augusto Crispim (1945-2008) que amava esse romance como poucos, e o amava não só pelo valor da experiência humana retratada, mas também pela forma severa, medida, simétrica com que se faz este retrato, quer na pauta rigorosa da construção literária, quer pela perfeição descarnada do estilo. Dizem que Stendhal se exercitava incansavelmente na leitura do Código Civil para dali retirar as lições de austeridade e precisão expressiva.

Dos contos de Maupassant, destacou *Bola de Sebo*, trazendo à tona o tema da solidariedade e da compaixão, exemplificado, não sem lirismo e ironia, pela figura irreparável de uma prostituta a dar lições de virtude a uma burguesia filistina e decadente. *Germinal*, de Zola, e *Os miseráveis*, de Victor Hugo, fecham essa estante francesa do meu leitor ou leitora que ainda lê a ficção do século 19 e com ela vibra e se move. Estranho o fato de que ele, ou ela, não tenha citado Flaubert que, em *Madame Bovary*, ostenta a perfeição técnica e formal que seduziu monstros sagrados, como Jean Paul Sartre, em *O idiota de Família*, e Vargas Llosa, em *A Orgia Perpétua*.

Nós, brasileiros, lemos muito os franceses. Às vezes, até mais que os portugueses. Não é o momento de indagar se isto foi bom ou foi ruim. O mundo da leitura me parece imensurável, e sou dos que acreditam que leitura puxa leitura, que um autor nos leva a outros, que um romance só se ler bem quando com outros cotejado, que uma literatura somente se enriquece quando dialoga com outras nas suas similitudes e diferenças.

Também li os franceses do século 19. Ali estão alguns dos paradigmas da tradição romanesca, mas quero chamar a atenção desse leitor ou dessa leitora, que desabafa comigo, para os russos, os ingleses, os norte-americanos, os alemães, os espanhóis, os italianos, os latino-americanos, os portugueses e os brasileiros, em suas escolas e tendências indispensáveis ao perfil de quem lê.

Literatura é como música: o gosto se refina na medida em que a experiência varia. Claro: podemos ter as nossas preferências, e isto me parece salutar. Mas preferência pressupõe escolhas, e escolhas não existem sem diversidade.

Tenho mais de dois romances de Balzac, e muito mais os tenho de Dostoiévski (o meu planeta!), de Nathaniel Hawthorne, de Henry James, de George Eliot, de Herman Melville, de Tolstói, de Gogol, de Turgeniev, de D. H. Lawrence, de Goethe, de Thomas Hardy, de Jane Austen, de Emily Bronte, de Eça de Queirós, de Machado de Assis e tantos outros mais.

Tenho muitos romances do século 19 e ainda não perdi as ilusões!

ZÉ LIMA

O MAIOR VENCEDOR DO FUTEBOL DA PARAÍBA

Perto de completar 80 anos, José Lima da Silva se consagrou dentro e fora das quatro linhas como o profissional que mais títulos ganhou em todo o Estado

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Jogar futebol, vencer títulos, marcar gols e participar de momentos marcantes. Se tornar ídolo de um clube, transformar-se em lenda, mudar o curso da história. Rodar o mundo do futebol, conhecer novos lugares, conquistar e protagonizar mais conquistas. Depois de tudo isso, virar treinador, vencer no comando do clube, onde se tornou ídolo como atleta, e ainda triunfar, da mesma forma, por outras equipes. Por fim, se tornar o maior dos campeões em um Estado. Parece sonho, não é? Pois bem, Zé Lima fez disso realidade e hoje aos 79 anos, segue lúcido para contar e celebrar seus feitos que inspiram novos candidatos ao Olimpo do futebol da Paraíba.

Nascido no interior pernambucano de Vertentes em 16 de novembro de 1940, mas paraibano por escolha e coração, José Lima da Silva, ainda adolescente, foi morar em Campina Grande. Na “Rainha da Borborema” começou a jogar futebol por equipes

amadoras da cidade quando tinha 16 anos e não demorou muito para chamar atenção dos clubes da cidade. Sua primeira equipe foi o Internacional, equipe em que, em 1959, jogou o “Campeonato da Cidade”, disputa onde chamou atenção suficiente para lhe garantir um convite para jogar o Campeonato Paraibano do ano seguinte, agora pelo Paulistano, seu primeiro time profissional.

A trajetória de Zé Lima, que naquela época era conhecido como “Zé Preto” - apelido que carregou durante sua trajetória de atleta -, se confunde com o surgimento avassalador do Campinense para o futebol da Paraíba. Na primeira disputa de ambos na elite do futebol paraibano, no campeonato de 1960, lá estiveram, Zé Lima pelo Paulistano e o rubro-negro - time que debutava no futebol profissional do Estado naquele ano - fazendo a final.

Em campo, triunfo raposeiro e o prenúncio de uma relação que viraria sinal de conquistas para o Campinense, bastando, para essa fórmula funcionar, a soma

“Esse é um marco que ninguém vai igualar. Essa série de conquistas que tivemos naquela época ainda é mais impressionante, pois o Campeonato era muito forte”

em campo da presença de Zé Lima e o rubro-negro. Depois da derrota, o zagueiro mudou de lado e foi jogar no time do Estádio Plínio Lemos. Vestindo a camisa nas cores da bandeira paraibana, entrou para história como o capitão de cinco títulos consecutivos da Raposa, troféus somados ao triunfo em 1960 para formar uma das maiores glórias da história do clube, o hexacampeonato paraibano, marco jamais igualado por qualquer outra equipe no Estado.

O detalhe é que o hexa só não virou octacampeonato, pois em 1966 o Campinense perdeu o título na final para o seu maior rival, o Treze. No ano seguinte, a equipe reto-



Zé Lima fez história no futebol paraibano como jogador do Campinense e brilhou em diversas equipes como técnico

mou a hegemonia e venceu o seu sétimo título em oito anos desde o seu ingresso no futebol profissional do estado. Desses, todos com Zé Lima em campo, o primeiro do lado oposto e os demais, vestindo o manto rubro-negro e a braçadeira de capitão.

“Esse é um marco que ninguém vai igualar. Essa série de conquistas que tivemos naquela época ainda é mais impressionante, pois o Campeonato Paraibano era muito forte. Por termos vencido seis títulos seguidos, as vezes fica parecendo que não havia competição, mas era justamente o contrário, existiam vários times de qualidade, especialmente o Botafogo e o Treze que já eram times muito tradicionais. Em 1965

quando vencemos o hexa, já tivemos muita dificuldade na final contra o Botafogo, foram jogos muito duros, mas levamos a melhor jogando em João Pessoa. Já em 1966 perdemos para o Treze, de quem tínhamos vencido quatro finais, mas logo em seguida nos recuperamos e derrotamos eles em 1967”, lembrou Zé Lima.

Como técnico, Zé Lima revelou que se considerava como orientador e nunca recebeu como treinador de verdade, já que boa parte dos dirigentes não cumpriam com os acordos firmados com ele. “Em uma passagem que fiz pelo Treze o clube demorou para renviar o contrato e acabei indo para Auto Esporte. Quando já estava em João

Pessoa, a diretoria do Treze quis arrumar confusão comigo, pois eles achavam que eu tinha obrigação com o clube, mesmo sem ter contrato e multa rescisória”, lembrou, anda magoado com essa passagem pelo time do bairro de São José. Nesse período de sete anos vestindo a camisa raposeira, Zé Lima ainda conquistou o Torneio Norte-Nordeste em 1963 e a Taça Pedro Gondim em 1964. Ao fim do estadual de 1967, ele encerrou sua trajetória como jogador do Campinense. Em seguida fez breves passagens em equipes como o Sampaio Corrêa-MA e o ABC-RN para retornar ao futebol paraibano e vestir a camisa do Treze onde encerrou sua carreira como atleta em 1970.

+ Zé Preto encerrou a carreira como jogador aos 31 anos



Em pé: Tonho Zeca, Janca, Tícarlos, Zé Preto, Augusto e Ivo. Agachados: Zé Luis, Cocó, Ruiter, Araponga e Aberlado Coca-Cola.

Tendo optado por parar de jogar relativamente cedo, aos 31 anos, Zé Preto mudou também de alcunha para seguir na carreira de treinador, adotando o nome que utiliza até hoje,

Zé Lima. E começou a partir de 1971, a de treinador. Na nova empreitada, o ex-capitão do hexa recebeu a chance de transformar-se no comandante do time em que havia se torna-

do ídolo, realizando assim um retorno triunfal, mas arriscado ao Campinense.

No entanto, a fórmula de sucesso do hexa voltou a se provar eficaz e, logo em sua primeira experiência como treinador, Zé Lima guiou a equipe que rompeu um jejum de três anos sem título para o rubro-negro e não parou por aí. Além do título em 1971, o elenco comandado por ele ainda venceu mais três títulos, fechando assim um tetracampeonato em 1974 e a décima conquista da história do Campinense com a sua participação direta.

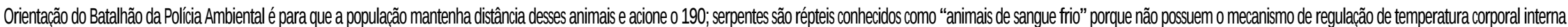
Presente em 10 dos 11 primeiros títulos da história da Raposa, a presença de Zé Lima, em termos numéricos ainda é impressionante. Mais de 50 anos depois de seu ingresso ao clube, a sua trajetória com a camisa do Campinense ainda representa o

período mais vitorioso do clube que é o segundo maior campeão paraibano e, para muitos, nem mesmo o triunfo na Copa do Nordeste foi capaz de superar os feitos dos times em que ele atuou, seja dentro ou fora do campo. Em 16 temporadas como atleta e treinador ergueu 15 títulos estaduais - nove como técnico, sendo cinco pelo Campinense (71 a 74 e em 1993), com o Botafogo (1977) e Confiança de Sapé (1997) na primeira divisão. Na segunda divisão também fez história, sendo campeão pelo Sousa (1991) e Vila Branca de Solânea (1993). Como jogador ganhou os títulos de 1961 a 1965 e 1967.

Para o colunista de A União e autor do livro “Causos & Lendas do Nosso Futebol”, Francisco Di Lorenzo Serpa, Zé Lima é um dos maiores vencedores que o esporte paraibano já presen-

ciou, um mérito que inclusive está no sangue da sua família, repleta de grandes jogadores com destaque para o seu irmão, Assis Paraíba que vestiu a camisa da Seleção Brasileira, além de vários clubes do Nordeste como Fortaleza-CE, Ceará e Sport-PE.

“Zé Lima foi um desportista completo como atleta e treinador. Ele fez parte de uma época do nosso futebol que não teremos mais, um período em que um jogador passava cinco, seis anos vestindo a camisa da mesma equipe, incorporando a agremiação ao seu cotidiano. Tempo de um futebol romântico, mas muito disputado e vencido pelos melhores. Como jogador foi Zé Preto, como técnico, o Professor Zé Lima, vitorioso nas duas funções, conquistando seguidos e vitoriosos títulos”, afirmou Di Lorenzo Serpa.



Somente na primeira quinzena de julho foram capturadas 35 desses répteis em várias cidades da Paraíba

Continua na página 14

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Os escritores e seus personagens são todos iguais. Na Rússia, Marseille ou na Paraíba, tanto faz.

Polícia Ambiental fiscaliza e combate crimes na Paraíba

Batalhão é responsável pelo resgate de animais silvestres, como as serpentes que apareceram nas últimas semanas

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Neste mês de julho, mais especificamente o dia 16, foi o Dia Mundial da Cobra. A data é lembrada em vários países e busca preservar este réptil, muitas vezes repudiado pelas pessoas. Como todo animal no meio ambiente, as serpentes têm seu papel na natureza.

Ao se deparar com uma serpente, a população deve tomar alguns cuidados. O comandante do Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba, tenente coronel Melquisedec Lima de Figueiredo, explicou que primeiro de tudo deve-se manter apenas o contato visual e telefonar para o 190, solicitando apoio do Batalhão.

A equipe está apta a fazer o resgate correto do animal. “Os policiais do Batalhão de Polícia Ambiental adotam técnicas de contenção e manejo de serpentes, utilizando materiais específicos para realizar o devido resgate, preservando a segurança da população, do policial e do animal”, reforçou o tenente coronel.

Depois da captura, o réptil é avaliado para saber se apresenta ferimento ou precisa de algum cuidado. Caso o animal não esteja saudável, é condu-

zido ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na Paraíba, onde são examinados por veterinários. Mas se não necessitar de cuidados, Melquisedec conta que a serpente é solta em seu habitat natural, em uma área de mata.

O tenente coronel ressalta que as espécies de serpentes resgatadas em João Pessoa têm como habitat ambientes de Mata Atlântica, bioma onde a capital paraibana está inserida.

Espécies brasileiras

No Brasil, existem cerca de 370 espécies de serpentes. A palavra cobra não é apropriada para chamar genericamente estes animais, já que esta denominação, em alguns países, é uma palavra usada somente para falar das najas, encontradas na África e na Ásia.

Um dado interessante é que esses répteis têm grande mobilidade para abrir a mandíbula para se alimentar de grandes presas. Isso é possível graças à uma dupla articulação que há entre o crânio, a mandíbula e um osso chamado quadrado, que permite a estes animais uma grande abertura bucal.



Fotos: Divulgação

Comandante do Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba, tenente coronel Melquisedec Lima de Figueiredo, explicou que as espécies de serpentes resgatadas em João Pessoa têm como habitat ambientes de Mata Atlântica, bioma onde a capital paraibana está inserida



Programas de educação buscam conscientizar comunidades

Além da captura de animais silvestre na Paraíba, como o das serpentes, o Batalhão de Polícia Ambiental no Estado é responsável pelo comando, planejamento, coordenação, operacionalização, fiscalização, treinamento, segurança, manutenção e controle das atividades de policiamento ambiental.

“Têm como competência exercer a polícia administrativa do meio ambiente nas constatações de crimes ambientais, na apuração, autuação, perícia e outras ações legais pertinentes, quando assim se dispuser,

colaborando na fiscalização de florestas, fauna, rios e em tudo que for relacionado ao meio ambiente”, acrescentou o comandante do Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba, tenente coronel Melquisedec Lima de Figueiredo.

O trabalho de captura ocorre quando os animais se encontram fora do seu habitat, mas estão soltos. No entanto, quando os animais estão longe do ambiente natural porque foram pegos ilegalmente, é realizada a ação de resgate. Isso acontece quando o animal está aprisionado, sem

chance de fuga.

A descoberta deste crime é feita quando há denúncia ou através de busca e levantamento realizados pela equipe do Batalhão. Tanto no caso de captura, resgate ou para denunciar crime ambiental, a população poderá ligar para o 190 (Ciop).

O Batalhão ainda exerce a função de orientar a sociedade sobre a legislação ambiental e a importância de seu cumprimento, como também desenvolve programas de educação ambiental junto às comunidades.

Papel de todos

O tenente coronel Melquisedec ressalta que o meio ambiente é um bem comum a todos. Por isso, preservá-lo é de responsabilidade de todos. “Não cabe apenas ao poder público defendê-lo”, destacou.

Cabe, então, à sociedade dar a sua contribuição, colaborando com a manutenção dos diversos ecossistemas e a vida no planeta. “De modo que todos garantam para as gerações futuras, um meio ecologicamente equilibrado e uma qualidade de vida sadia”,

completou o comandante.

Atuação

O Batalhão de Polícia Ambiental atua em todo o território paraibano, e está distribuído atualmente em três Companhias de Policiamento, sediadas em João Pessoa, Campina Grande e Patos. Entre as várias demandas do Batalhão, as que se destacam são as ações de resgate de animais silvestres, combate à caça predatória, combate ao desmatamento ilegal e a fiscalização de funcionamento irregular de atividades poluidoras.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

O poeta das “caibreiras”

Itabaiana era uma cidade florida no começo do século vinte. Famosos os ipês, as caibreiras, os ficus benjamins por sob os quais passava o bondinho puxado a burro, “onde a vida ia e vinha”. O bondinho saía da Praça da Indústria, sendo a vida social marcada pelo trajeto desse meio de transporte e pelas árvores frondosas. Debaixo do pé de gameleira que dava nome à rua da beira do rio rolou por muitos anos a feira dos cavalos, até que a centenária árvore veio ao chão.

A velha Itabaiana era rica de árvores e de poetas. Por aqui passou um dos grandes, chamado Antonio Maia Neto, desses que sabem os segredos da beleza artística das palavras e das coisas simples de sua aldeia. Por causa de uma celeuma com o prefeito, também poeta, Maia Neto ficou conhecido como o “poeta das caibreiras”.

Aconteceu de o prefeito José Augusto Pinto Ribeiro mandar cortar as caibreiras para alargar algumas ruas, “dando espaço ao progresso”. O poeta Maia Neto protestou com belos poemas publicados nos

jornais de oposição. Naquele ano, as caibreiras não amarelaram muito, certamente porque a natureza estava avisando que no ano seguinte não haveria bom inverno. Mas o poeta entendeu que as árvores estavam tristes, pressentindo seu destino iminente. E tascou esses versos:

“Eras alegre, altaneira,
Com teu verdinho de cana,
Caibreira, linda caibreira
Do povo de Itabaiana!”

José Augusto Pinto Ribeiro prontamente respondia n’A Folha, o órgão oficial do Município:

“Velha caibreira, velha carcomida
Tombastes aos golpes de um machado
Levando a morte e renovando a vida.”

O poeta Maia Neto perdeu a batalha contra Pinto Ribeiro, mas ficou na história como um precursor dos modernos defensores da natureza. Dizem que o poeta gos-

tava de tomar uns goles sob as frondosas árvores, e numa dessas viagens recebeu a visita da Deusa da Floresta, que veio saber por que o poeta estava chorando, debaixo das caibreiras na Praça Álvaro Machado. A Deusa veio na forma de uma majestosa mulher, enrolada em galhos de videiras, tendo na cabeça um arranjo florido. Consolando-o, a Deusa da Floresta recitou:

“Vim ter contigo, vim quase às carreiras,
Invocar tua musa predileta,
A mesma que chorou junto às caibreiras
Aos golpes de machado, meu poeta!”

“Molhando a palavra” com a autêntica garapa “Beba Ela”, produzida e engarrafada em Maracáipe, o poeta Maia Neto desapareceu noite a dentro, abraçado à Deusa, cantando essa canção tão triste e evocativa:

“Adeus, Itabaiana das caibreiras
Dos ficus benjamins de braços dados.
Debaixo dessas sombras altaneiras

Eu tive belos sonhos embalados.

Adeus, Itabai ana dos currais
De gados soltos pelos marmeleiros,
Das gameleiras belas, colossais,
Que ornamentavam meus sonhos brejeiros.

Adeus, Itabaiana da harmonia
De mágicos encantos naturais,
Do perdão, do amor, da poesia,
Dos áureos tempos que não voltam mais!...”

A propósito, me lembrei de uma música que o mestre Sivuca criou com Humberto Teixeira, falando dos vegetais, talvez inspirado nos campos e jardins de sua amada Itabaiana:

“Adeus, Maria Fulô,
Marmeleiro amarelou,
Adeus, Maria Fulô,
Olho d’água esturricou,
Adeus, vou embora meu bem,
Adeus, Maria Fulô.”

Pós-pandemia será de mercado híbrido e tecnologias fortalecidas

Empreendimentos buscaram outras formas de produzir e servir a seus públicos e muitas soluções de adaptação foram encontradas

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

No período mais rígido do isolamento social devido à pandemia de covid-19, os empreendimentos tiveram que buscar outras formas de produzir e servir a seus públicos. E muitas soluções neste período de adaptação foram encontradas por meio das tecnologias. Os empresários lançaram mão do trabalho remoto (home office), adotaram, unicamente, modalidades de serviços como o drive thru, takeaway (pague e leve) e o popular delivery.

As reuniões de trabalho foram realizadas por meio de plataformas digitais e as redes sociais foram mais do que nunca uma aliada na interação entre os profissionais e clientes, bem como para a divulgação de produtos e serviços. No mundo dos negócios, quem não estava habituado a estas “modernidades” teve de correr atrás para não ficar no prejuízo. A experiência vivida nos últimos meses alterou a postura de clientes e fornecedores que, segundo especialistas, vão permanecer investindo em tecnologia nas relações de trabalho.

“O mundo mudou depois da pandemia e isso não tem mais volta. A partir de agora, muitas empresas vão trabalhar de forma híbrida, ou seja, conciliando trabalho on-line e o presencial, com reuniões virtuais, se adaptando ao digital. Quem não era familiarizado com as novas tecnologias terá de se adaptar, quem já trabalhava vai investir mais”, explicou o analista do Sebrae Paraíba, Alexandro Teixeira.

Segundo ele, antes da pandemia, havia empresários que utilizavam timidamente as ferramentas digitais nas atividades laborais, mas, com a quarentena, eles foram obrigados a utilizá-las. “Então, viram que era uma coisa bacana. Há uma tendência de que muito do consumo vai se manter também no on line. Esse é mais um motivo para as empresas investirem mais em tecnologia daqui para frente”.

Foi assim com o empresário Reginaldo Galvão Cavalcanti, dono de uma loja de móveis projetados em João Pessoa, a Móveis OGC, em Jaguaribe. Ele conta que raramente utilizava dispositivos on-line para tratar com os clientes. Esse segmento não parou de produzir durante

Vantagem do home office

Otimização e redução de custos para a manutenção do espaço físico e menos gasto com energia elétrica e outras contas fixas mensais. Esses são alguns resultados obtidos com o trabalho home office, modalidade adotada por alguns empreendimentos durante a pandemia e que deve se manter na retomada das atividades.

O consultor e contador Eduardo Bezerra Júnior, proprietário da empresa Soluções Contabilidade e Consultoria Empresarial, percebeu as vantagens de manter o colaborador trabalhando em casa. Agora, ele fechou a parte física do negócio e adotou unicamente o trabalho remoto. “Esta forma é totalmente viável”, reforçou. Ele disse que ao trabalhar dessa forma, a redução nos gastos todo mês chega a 50%.



Fotos: Arquivo pessoal

Alexandro Teixeira diz que empresários eram tímidos com as ferramentas digitais



Eduardo Bezerra viu vantagens em manter o colaborador trabalhando em casa

a pandemia por se enquadrar nos ramos da indústria. A grande dificuldade de Reginaldo foi como ele iria manter o contato com os clientes e divulgar seus produtos, já que a parte de showroom da empresa teve de se manter fechada durante meses.

Reginaldo afirmou que a alternativa encontrada foi focar no aplicativo WhatsApp para recuperar antigos clientes e expor os móveis produzidos. Também foi adotado um canal de vendas remoto neste período. Como ele é presidente da Associação dos Fabricantes de Móveis e Artefatos de Madeira da Paraíba (Amap), o uso das tecnologias para impulsionar o negócio foi estimulado entre os associados. Algumas mudanças contaram com o apoio do Sebrae-PB.

Segundo ele, o uso das novas tecnologia veio para ficar. “A

pandemia acelerou ações que só íamos utilizar no futuro. A opção do WhatsApp para manter contato com o cliente não vai mais sair da empresa. Isso tudo modificou o comportamento do fornecedor e também do cliente”, declarou.

Demanda

Na área de móveis projetados, a pandemia também trouxe mudanças que vão além das tecnologias. As necessidades do público são outras. Se antes a grande demanda das famílias era para projetar móveis para cozinha e o quarto, agora o desejo é para reformular outros ambientes como escritórios. “Aumentou em 10% a procura por móveis projetados na parte de sala para estudo ou trabalho”, declarou Reginaldo.



Mudança de hábitos

A flexibilização pós-pandemia não vai exigir apenas uma adaptação dos empresários às novas tecnologia, mas a antiga forma de relacionamento interpessoal, ou seja, o presencial, também deve ter mudanças. Como muitos clientes migraram para o on-line nos últimos meses, o desafio de levar o consumidor para a loja física vai aumentar. O analista do Sebrae Paraíba, Alexandro Teixeira, frisou que o atendimento presencial terá de se reinventar para atrair clientes neste momento. As estratégias de aproximação e manutenção do bom relacionamento com o cliente terão de ser intensificadas e melhores trabalhadas. “A questão da fidelização, de estar entrando em contato, de estar mais perto do consumidor, até para entender a necessidade dele neste momento é importante”.

Ele ressalta que as experiências que são possíveis somente na loja física, como ter o contato com o produto, conversar com o vendedor para esclarecer dúvida, terão de ser melhor exploradas pelos empresários para conquistar o público. A presença do consumidor ainda vai exigir medidas de segurança e higiene (sanitização) no estabelecimento, nesta fase de reabertura das atividades econômicas. Outra estratégia que pode ser adotada para manter a segurança e evitar aglomeração nos pontos comerciais, é adoção de horários flexíveis para receber o cliente, e elaboração de trabalhos personalizados para conquistar a demanda. O empresário ainda pode ir até onde o comprador estiver.

Negócios da Paraíba

Um levantamento do Sebrae nacional realizado no mês de junho, sobre o Impacto da Pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios, mostrou que 54% das empresas de pequeno porte na Paraíba conseguiram manter suas atividades adotando ferramentas digitais. O percentual é maior do que os demais estados do Nordeste e, no Brasil, só perde para o Tocantins, cuja adesão foi de 58%.

O gerente de Relacionamento Digital e Remoto do Sebrae Paraíba, João Jardelino, explicou que a Paraíba saiu na frente de muitos estados com relação à esta adaptação porque perceberam rapidamente a necessidade de se adequar, pelo bem da própria sobrevivência da empresa. O próprio Sebrae, segundo ele, manteve o contato e o relacionamento digital com muitos clientes, oferecendo consultorias gratuitas nesta área. “A postura do paraibano de buscar mais rapidamente essa adequação fez a diferença”, destacou.



Reginaldo disse que focou no aplicativo WhatsApp, com o qual recuperou antigos clientes e pôde expor os móveis produzidos

Arcando com fortes prejuízos

Os estabelecimentos que oferecem alimentação fora do lar na Paraíba que não se adequaram rapidamente às novas necessidades do mercado, durante a pandemia, estão arcando com fortes prejuízos. O presidente da Associação Brasileira de Bares, Restaurantes e Similares na Paraíba (Abrasel-PB), Arthur Lira, estima que 25% dos estabelecimentos formais fechem nos próximos dias. Mesmo quem investiu em modalidades como delivery, drive thru e takeaway (que ajudaram na manutenção do serviço), não tiveram incremento significativo na receita.

Ele declarou que essas modalidades representavam, antes do isolamento social, de 15% a 20% do faturamento dos estabelecimentos. Durante a quarentena, com algumas exceções, a média subiu de 20% a 25%. “Não houve uma subida expressiva. Isso é comprovado com números e pesquisas. Esse é um percentual muito aquém do que as empresas precisam para sobreviver”, frisou.

Se houve empresário que não acompanhou as novas tecnologias e perderam receita, outros agiram com rapidez. Entre as mudanças que deverão ser implantadas com a reabertura dos bares e restaurantes estão um número maior de cardápios digitais, de aplicativos próprios de delivery, ou seja, de maior investimento em ferramentas digitais.

Arthur ressalta que a pandemia deixou um importante recado para este segmento. “Ela forçou os empresários a aprofundarem e investirem mais nos avanços tecnológicos, a quebrar paradigmas”. Porém, nem todos tiveram essa visão ou puderam bancar os custos da modernidade. Arthur Lira contou que no início do isolamento social ninguém imaginava que iria ficar tanto tempo de portas fechadas, e com o passar do tempo ficou sem reagir adequadamente ao momento. Mas como toda experiência resulta em aprendizado, o presidente da Abrasel declara que é importante sempre estar atento ao dinâmico mercado da alimentação fora do lar: “O empresário tem de analisar a empresa e se preparar para as adversidades”.

Os prejuízos registrados na pandemia não foram pequenos segundo Arthur Lira e muitas empresas do seguimento vão fechar. A estimativa da Abrasel é de que cerca de 25% dos estabelecimentos formais encerrem as atividades.

EDITAL DE PUBLICAÇÃO DE RETIFICAÇÃO DE ÁREA

A ESCRIVENTE AUTORIZADA DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE SANTA LUZIA, ESTADO DA PARAÍBA, em virtude da Lei, etc.

FAZ PÚBLICO, para o conhecimento de interessados, cumprindo ao que determina o art. 212 da Lei nº 10.931/2004, que o Sr. JOSÉ REIS DE MELO - CPF: 089.413.604-63, ADONIAS NÓBREGA DE MELO - CPF nº 132.531.074-34, TARCISIO NÓBREGA DE MELO - CPF nº 071.195.184-53 e IVETE NÓBREGA DE MELO COSTA - CPF nº 057.763.684-72; solicitaram a notificação de confrontantes para georreferenciamento do imóvel denominado BELA VISTA, situada no município de Junco do Seridó/PB, cuja imóvel é cortado por uma estrada municipal, passando a ficar com duas glebas, da maneira seguinte: **GLEBA 01:** limita-se ao norte, com a estrada municipal; ao sul com estrada municipal que dá acesso a gleba 02 do mesmo imóvel; ao leste, com terras de José Oliveira Filho e com terras de Josefa Pereira da Silva; ao oeste, com terras do Espólio de José Justino de Oliveira; e a **GLEBA 02:** limita-se ao norte, com a estrada municipal que dá acesso a gleba 01 do mesmo; ao sul, com terras de José Arimatéia Rufino de Araújo e com terras de Francisco Cabral de Oliveira; ao leste, com terras do Espólio de Pedro Clementino de Sales e ao oeste, com terras do Espólio de Manoel Bezerra Neto; cuja área total está sendo retificada para 64,2657 hectares, em um perímetro de 4.535,82m, sendo a gleba 01 com 21,6972 ha e a gleba 02 com 42,5685 ha. E para que ninguém possa alegar ignorância, o presente Edital será publicado por duas (02) vezes consecutivas nos jornais de circulação deste Estado. Decorrido o prazo de quinze (15) dias da última publicação, não havendo nenhuma impugnação por parte de seus CONFRONTANTES, em especial por parte do **ESPÓLIO DE FRANCISCO CABRAL DE OLIVEIRA e JOSÉ ARIMATEIA RUFINO DE ARAÚJO**, será a área do imóvel BELA VISTA, localizada na zona rural do município de Junco do Seridó/PB, legalmente georreferenciada e retificada para 64,2657 hectares no Cartório do Registro de Imóveis competente, não cabendo qualquer recurso. Dado e passado nesta cidade de Santa Luzia, aos vinte e um (21) dias do mês de julho de 2020. Eu, EDINEIDE FERREIRA DA SILVA, Escrevente Autorizada do Registro de Imóveis o digitei e assino.

EDITAL

Este edital tem por objeto informar a população em geral, que tramita perante a 1ª Vara Federal da Seção Judiciária da Paraíba a Ação Civil Pública nº 0808273-64.2018.4.05.8200, distribuída pela Procuradoria da República, que tem por objetivo apurar possíveis irregularidades na prestação de serviços educacionais (cursos a distância de pós-graduação stricto sensu) prestados por instituições estrangeiras com representantes no país, que estariam ofertando cursos de pós-graduação na Paraíba, anunciando tratar-se de cursos de mestrado e doutorado ministrados à distância, contudo, tais cursos não poderiam ser “revalidados e reconhecidos pelo MEC”, tampouco teriam qualquer validade no território nacional. São réus no referido processo: UNIGRENDAL PREMIUM CORPORATE, UNIVERSIDADE GRENDA DO BRASIL, UNIGRENDA ASSESSORIA EDUCACIONAL EIRELI, DANIEL DIAS MACHADO, TÂNIA REGINA CASTELLIANO, ANNE SULLIVAN UNIVERSITY, SERVIÇO NACIONAL DE RECURSOS HUMANOS - SENARH e ANTÔNIO MARCOS LIMA DE ARAÚJO. Por fim, informa ainda que fora deferido pelo juízo processante o pedido liminar feito pelo Ministério Público Federal, com a determinação de: a) paralisação imediata da divulgação de todo e qualquer anúncio publicitário oferecendo cursos de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) não recomendados pela CAPES e não reconhecidos pelo MEC, sob pena de multa diária no valor de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais); c) a ampla divulgação, às suas expensas, em seus portais eletrônicos, durante o período em que vigor a ordem liminar, e em dois jornais de grande circulação no Estado da Paraíba, durante 10 (dez) dias seguidos, da existência desta ação e da liminar deferida, com a indicação do seu objeto e dos fundamentos, sob pena de multa de R\$ 10.000,00 por dia de atraso; d) o bloqueio de ativos financeiros e imobiliário dos réus.

PREFEITURA DE ALCANTIL
AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO PRESENCIAL Nº 0024/2020.

A PREFEITURA DE ALCANTIL, através de seu Pregoeiro, torna público a todos que no dia 05/08/2020 às 08h30min, fará realizar licitação na modalidade P. PRESENCIAL, tipo Menor Preço Por Itens no Lote, tendo por objeto a: Contratação de empresa do ramo para o fornecimento de materiais de construção. As empresas interessadas poderão solicitar o Edital gratuitamente através do fone - 9.8704.1010, do portal do TCE/PB <https://portal.tce.pb.gov.br/> via (SAGRES CIDADÃO - Mural de Licitações - Licitações Previstas) e/ou por e-mail: alcantillicitacao@hotmail.com das 09h00min às 12h00min.

ALDENIR LIMA DOS SANTOS
Pregoeiro

ALCANTIL PB, 23/07/2020.

Caatinga diminui o efeito das mudanças climáticas

Vegetação da região do Semiárido absorve o dióxido de carbono com mais eficiência do que outras matas

Márcia Dementshuk
Especial para A União



Pode não parecer, mas a vegetação preservada da Caatinga absorve o CO2 da atmosfera com mais eficiência do que outras matas. Tal serviço ambiental ajuda a diminuir o efeito estufa e, por consequência, influência de maneira positiva para mitigar as mudanças climáticas. A afirmação é comprovada por pesquisa científica feita no Semiárido, publicada em junho deste ano. A escassez de água na região é tanta quanto a ausência de pesquisas, embora cada resultado surpreenda e revele a importância de um lugar onde vivem mais de 27 milhões de pessoas em 1.262 municípios (MDR 2019). Se uma frota de 23.500 veículos Flex com motor de 1.0 a 1.4 equipado com tecnologia preocupada com o meio ambiente der uma volta

completa na Terra vai lançar em torno de 50 mil toneladas de CO2 na atmosfera. Essa quantidade de CO2 - 50 mil toneladas - é o que foi absorvido pela mata seca em uma área de 1.163 hectares, durante dois anos, na Estação Ecológica do Seridó (ESEC), em Serra Negra do Norte, no Rio Grande do Norte. O cálculo feito a pedido da reportagem para o coordenador da pesquisa iniciada em 2014 sinaliza a importância global da Caatinga para as mudanças climáticas. Nascido em Taperoá, Cariri paraibano, o artigo do pesquisador Bergson Bezerra, hoje na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi publicado em junho deste ano pela Scientific Reports, publicação conceituada internacionalmente. O estudo investiga o papel das florestas secas na mitigação dos impactos do aquecimento global e quantifica o potencial das florestas quanto a ser um sumidouro ou uma fonte de CO2. A área da ESEC-Seridó onde foram captadas



O paraibano de Taperoá Bergson Bezerra, autor da pesquisa, com sua equipe de trabalho



O estudo investiga o papel das florestas secas na mitigação dos impactos do aquecimento global

as medições é uma unidade de conservação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. A aparência das florestas preservadas da Caatinga são bem diferentes das outras matas, como a floresta Amazônica, por exemplo. Folhas pequenas, espinhos, vegetais baixos, caules estreitos entranhados num solo seco, poeirento, contrastam com a vegetação abundante de uma floresta úmida. À primeira vista, não parece que

exista grande atividade de fotossíntese; contudo, nesse processo natural as florestas secas consomem mais CO2 do que é liberado e, no final das contas, subtraem com maior eficácia o principal gás responsável pelo aumento da intensidade do efeito estufa. É um sumidouro de CO2 em quase 100% do tempo. Diferente das outras florestas que podem ter períodos em que geram mais CO2 do que consomem na fotossíntese. Bergson Bezerra explica

que o gás carbônico produzido pelas atividades humanas - mobilidade, industrialização - não tem uma compensação natural. A quantidade lançada diariamente acaba somando aos gases que compõe o efeito estufa e daí iniciam os problemas. “O efeito estufa não é um vilão; é um efeito natural de extrema importância que permite que tenhamos as formas de vida que temos; faz o controle térmico da Terra.” “A intensificação do efei-

to estufa quer dizer que a atmosfera está retendo mais calor do que o necessário - continua Bergson - e vai ter que dar vazão a esse calor; o caminho para isso é ir de volta para a superfície. O resultado é o aquecimento global - o aumento das temperaturas médias globais. Uma das consequências do aquecimento global são as mudanças climáticas, o que por sua vez provoca distúrbios em todos os aspectos da vida, fauna flora, vida marinha, terrestre”.

Mudança climática é real e atividades humanos são a principal causa

Embora haja suspeitas, ainda é difícil afirmar empiricamente se algum evento é consequência do aquecimento global. Bergson Bezerra traz um esclarecimento em consonância com a comunidade científica: “O que pode ser considerado um resultado das mudanças climáticas? Sempre houve intempéries. A com-

preensão dificulta porque as ocorrências não são uniformes em todos os lugares, nem se conseguiu detectar uma regularidade. A chave é a frequência e a intensidade com que os eventos ocorrem. O aumento desses fatores é evidência das mudanças climáticas. O Planeta está aquecendo. De acordo com documento

do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC, em inglês) “cada uma das três últimas décadas tem sido sucessivamente mais quente na superfície da Terra do que qualquer década anterior desde 1850”. O Relatório conclui que a mudança climática é real e que as atividades humanas são a sua principal causa.

Para o IPCC, os impactos do aquecimento global no Planeta para as pessoas e ecossistemas naturais podem ser melhor absorvidos se limitar o aquecimento global a 1,5°C, o que “exigiria mudanças rápidas, profundas e sem precedentes em todos os aspectos da sociedade. Para equilibrar o efeito estufa as emissões

globais líquidas de dióxido de carbono causadas pelo homem (CO2) precisariam cair cerca de 45% em relação aos níveis de 2010 até 2030, atingindo o ‘zero líquido’ por volta de 2050. Isso significa que quaisquer emissões remanescentes precisariam ser equilibradas pela remoção do CO2 da atmosfera”, alerta o documento.

Zabé da Loca já havia narrado sua trajetória e sobrevivência no bioma

O Semiárido brasileiro é um cenário que retrata o futuro das florestas úmidas depois de terem sofrido por causa do aquecimento global. Por outro lado, o Caatinga, é um bioma natural, com circunstâncias climáticas e geográficas que sustentam a vida. Plantas e animais se adaptam aos períodos de seca. E seres humanos? Pouco antes de completar 90 anos, a sertaneja Zabé da Loca contou em uma entrevista feita próximo à loca onde ela viveu por 25 anos a saga de sua trajetória como retirante. Tal como personagens de Graciliano Ramos em “Vidas Secas”, a família de Zabé deu as costas para o pouco que tinha no interior de Pernambuco em troca da sorte de encontrar um lugar com melhores recursos para sobreviver. Zabé foi parar na Serra do Tungão, próximo de Monteiro, no Cariri, de onde conquistou fãis no mundo inteiro, tocando pifano. “Nessa serra sempre teve água da chuva que empoçava nas pedras. Mas tinha anos que não encontrávamos água em canto nenhum”, falou, com sotaque sertanejo carregado, a voz grave, entre baforadas do cigarro. A área onde Zabé morou se tornou o maior assentamento de agricultores da Paraíba, o

Santa Catarina, onde cerca de 260 famílias foram assentadas em 1995. Zabé conquistou seu lote, sua casa, onde recebia o magote que subia pra cantar e tocar, em festa; mas jamais se livrou do desconforto da falta de água. O Cariri tem áreas onde o solo está com alta intensidade de desertificação. É nessas condições que agricultores persistem em plantar e, quem sabe, colher. Pioneiro em pesquisas no Cariri, o professor Bartolomeu Israel de Souza verificou cientificamente que o solo em processo de desertificação absorve menos água do que o solo preservado. “O Cariri tem 29 municípios. Cerca de 70% da área está com o solo comprometido em algum grau de desertificação. Esses solos perdem ou têm alterados elementos químicos e físicos afetando a pouca vegetação. A capacidade de armazenar água diminui e, por isso, é muito mais difícil recuperar. A relação com as mudanças climáticas, nesse caso, é a Caatinga como fonte geradora de carbono. A parca vegetação não compensa a absorção do CO2 na atividade de fotossíntese e resulta em conta negativa quando o solo libera seus gases. O excedente de CO2 é o malfeitor do efeito estufa.

Em outra pesquisa, a equipe de cientistas coordenada por Bartolomeu Israel de Souza verificou que nas regiões desertificadas a temperatura superficial do solo deu saltos de até 7°C de aumento entre os anos de 1989 e 2005. Na maior parte da área estudada, no Alto Curso do Rio Paraíba e APA do Cariri, a temperatura superficial do solo passa dos 35°C - um ambiente onde quase nenhuma semente de espécies vegetais da Caatinga germina. No Brasil, segundo o Ministério do Meio Ambiente, as áreas onde os processos estão mais avançados são os denominados Núcleos de Desertificação no Semiárido Brasileiro: Seridó, (RN/PB), Cariris

Velhos (PB, onde está Monteiro), Inhamuns (CE), Gilbués (PI), Sertão Central (PE), Sertão do São Francisco (BA). **Desertificação** Para o pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (INSA), Aldrin Martin Perez-Marin “estes núcleos se constituem na fiel expressão da inadequação ou ausência de práticas adequadas, quando da interação entre as ações produtivas e os recursos naturais disponíveis.” Ele destaca a existência de áreas suscetíveis à desertificação em 1.488 municípios brasileiros, muitos deles fora do Semiárido: “Em geral, esses núcleos são áreas com grandes

manchas desnudas, presença ou não de cobertura vegetal rasteira e sinais claros de erosão do solo. No entanto, existem outros locais com aparência de degradação semelhante, porém, ainda não reconhecidos como núcleos”, alerta Aldrin Martin, que atuou como Correspondente Científico do Brasil junto à Convenção das Nações Unidas para o Combate da Desertificação (UNCCD). Para Aldrin, a solução está em ações para influenciar ou mudar o comportamento cultural, social, econômico e político da sociedade atual. “A sociedade de consumo é uns dos mais tenebrosos inventos do atroz sistema econômico imposto ao mundo. Todo esforço para combater a desertificação é incompatível com o sistema econômico predominante. Nessa perspectiva precisamos mudar o enfoque linear de desenvolvimento humano ou também chamado de “Viver Melhor” pelo enfoque denominado “Bem Viver”. O emprego de técnicas sustentáveis de manejo agrícola e tecnologia são recursos que o sertanejo pode alcançar na Paraíba, por meio de instituições como o próprio INSA, a Empaer-PB, as universidades, entre outros. E ainda, conhecer mais o bioma através das pesquisas científicas é o caminho para preservar.



Pouco antes de completar 90 anos, a sertaneja Zabé da Loca contou em uma entrevista feita próximo à loca onde ela viveu por 25 anos a saga de sua trajetória como retirante

Fotos: Mano de Carvalho

Jornalista campinense foi revelação já no início de carreira, nos anos 90, fazendo matérias de veiculação nacional sobre o clima e as condições da agricultura nordestina. [Página 18](#)



Arte: Tônio

Foto: Arquivo de família



Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Muito se fala sobre Anayde Beiriz: dos maus ditos enaltecimentos comentários sobre ela enquanto feminista que, assim como alguns personagens históricos, rompeu as barreiras de seu tempo. Moça simples, mas com notável destaque acadêmico, chamou a atenção ao cortar os cabelos “à la garçonne”, manter relacionamentos sendo solteira e frequentar saraus lítero-dançantes, cujo público era comumente masculino. Viveu grandes amores, escreveu sobre eles e foi execrada pela sociedade

ao assumir um comportamento em desacordo com os costumes da época e envolver-se em um romance conturbado.

Talentosa, inteligente, Anayde se viu obrigada a sair da Paraíba acusada de ser pivô do assassinato do então presidente do Estado, João Pessoa, crime cometido pelo advogado João Dantas, namorado de Beiriz e inimigo político do gestor público. Deixou uma história marcada por paixão, poesia, lágrimas e morte.

“Anayde tinha uma visão muito à frente da sua época. Escrevia coisas que, quando a gente lê, pensa que ela viveu, mas era tudo fantasia, princi-

palmente as cartas de Heriberto Paiva, o estudante de Medicina com quem namorou na adolescência, através de cartas. Muita coisa era como um sonho. Eu, mocinha, perguntava à tia dela, Helena, e ela contava que Anayde sonhava como seria quando ele chegasse. Colocava até nome nos filhos. Era uma criatura muito moderna para a época. Dizia que sua lua de mel seria na Itália”, destacou a sobrinha de Anayde, Ialmita Beiriz, de 83 anos de idade.

Muito estudiosa, Anayde ensinava crianças pela manhã e adultos à noite. “Era revolucionária, mas não deixava de ser romântica. Era pra frente, a favor do divórcio. Nas cartas para Heriberto, ela di-

zia como seria quando ele chegasse em casa, como seria na primeira noite, que ela iria ficar nervosa. Uma de suas amigas, que era também muito amiga da minha mãe, a chamava de Naná, e alertava: Naná, você dizendo isso, as pessoas vão pensar que fez mesmo”, comentou.

Apesar do romantismo nas correspondências que mantinha com Heriberto, Ialmita garante que o grande amor da vida de Anayde foi João Dantas. “Eu sou fã dele. Acho que me entrosei muito com a família. Heri foi aquilo mais da juventude dela. Com Dantas, foi uma coisa mais forte, foi o amor verdadeiro dela”, assegurou.

+ Perseguição implacável e suicídio

“Embora muito se associe Anayde ao cerne do assassinato, o mais acertado é dizer que João Pessoa, ao expor cartas íntimas de João Dantas, o expôs ao ridículo. Dantas, com a honra ferida, foi ao encontro de Pessoa para assassiná-lo. Ou seja, a relação de Anayde com este episódio é muito mais circunstancial do que central. No entanto, ela teve que fugir do Estado porque, por razões amorosas e por seu nome ter sido divulgado nos jornais, estava sendo perseguida politicamente”, explicou a historiadora Luiza Paiva Carneiro.

Ialmita Beiriz, sobrinha de Anayde, relatou que Anayde foi para o Recife com todo apoio da família Dantas. “Ficou na casa de uns primos nossos, e a polícia foi atrás dela. Mas ela não estava em casa. A polícia revirou tudo, João Dantas estava preso e ela tinha ido visitar. A família foi se esconder no mato, com medo de que incendiassem a casa. Ela foi recomendada a ir para o Asilo Bom Pastor pelo médico da família de Dantas. Acho que por isso trataram ela bem”, observou. Anayde entrou no asilo no domingo, dia 19, e morreu na quarta-feira, 22, com apenas 25 anos de idade. “A família de João Dantas pagou a funerária, mas ela foi enterrada em cova rasa, como indigente, no Cemitério de Santo Amaro (PE). Criticam a família por isso, porque ninguém foi para lá, mas pelas poucas condições financeiras, não foi possível comparecer”, lamentou.

Intimidade exposta

O escritório de João Dantas, com quem Anayde Beiriz começou um relacionamento em 1928, foi invadido no dia 10 de julho de 1930, mas a ordem não partiu de João Pessoa. Segundo a historiadora Luiza Paiva Carneiro, José Américo de Almeida, que era chefe de polícia da Paraíba, coordenava as invasões em busca de evidências relacionadas à revolta de Princesa Isabel, como armas. No local, foi encontrado apenas um cofre onde Dantas guardava documentos e cartas, entre elas as de Anayde, que tinham conteúdo bastante íntimo. “Essas cartas acabaram sendo publicadas poucos dias depois no jornal A União e em outros veículos com o objetivo de atingir a honra de João Dantas”, disse a historiadora.

A sobrinha de Anayde, Ialmita Beiriz, porém, contesta essa versão e afirma que as cartas não foram publicadas. “Entrevistei algumas pessoas, uma delas foi o médico Higino Brito, que conhecia Anayde. Ele disse que não viu, mas garantiu que as cartas foram expostas para quem quisesse ler. Publicadas elas não foram. Dona Nautília Moraes, esposa do delegado Manoel Moraes, foi a primeira pessoa que entrevistei e ela disse que Manoel levou as cartas para a casa dele. Ele a mandou destruir e assim ela o fez, mas foram expostas e algumas pessoas leram”, ressaltou.

Durante a apuração desta matéria, a reportagem solicitou ao setor de arquivo do Jornal A União um “pente fino” nas edições no mês de julho de 1930, conferindo as publicações que antecederam e também aquelas que vieram após a morte de João Pessoa. O objetivo foi localizar qualquer rastro das supostas cartas de Anayde. Porém, elas não foram encontradas na íntegra em nenhuma página naquele período.

O que achamos foram referências superficiais a cartas recolhidas na casa de João Dantas, ressaltando que não poderiam ser publicadas por serem “amorais”. Isso está na página 6 da edição do Jornal A União de 26 de julho de 1930, após o intertítulo “Perfeito typo de degenerado” (grafia original). Porém, segundo o que está registrado, o texto teria sido escrito a punho pelo próprio João Dantas, ou seja, não faz qualquer menção ao nome de Anayde Beiriz. E ressalta ainda que tais notas estariam na polícia para quem quisesse ver. A reportagem encontrou também nas edições de julho de 1930 a reprodução de trechos de várias cartas políticas encaminhadas a João Dantas. Ao comentar essas cartas, o jornal chama o advogado de expressões como “sangue de cangaceiro”, “ancestralidade de bandido”, “degenerado”, “espão”, entre outras ofensas.

Até o encerramento desta edição, a reportagem não conseguiu acessar os demais jornais impressos que circulavam na época para saber se as cartas de Anayde foram publicadas nesses veículos.



Arte: Tônio

Negra e mulher nos anos 1930

O primeiro namorado de Anayde Beiriz foi o então estudante de Medicina Heriberto Paiva, que cursava a faculdade no Rio de Janeiro. Nessa época, ela já sofria duras acusações, principalmente por parte da família dele, como relatou a historiadora Luiza Carneiro. “Segundo constam nas cartas trocadas entre o casal, extrai-se que Anayde foi mal falada por ser uma moça solteira que frequentava saraus do grupo literário paraibano ‘Os Novos’. Também se vê nas cartas ferrenha oposição da madrastra de Heriberto, a qual, diz-se, que faria de tudo para impedir a união entre os dois; dentre outros motivos, o que mais se destaca é o preconceito racial contra Beiriz”, afirmou.

De acordo com Ialmita Beiriz, sobrinha de Anayde, a família de Heriberto Paiva, com quem namorou antes de João Dantas, era contra o relacionamento. “Chamavam ela de negra”, comentou. A historiadora e professora de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Emanuella Brunet, resume o motivo pelo qual tanto Anayde “incomodava” a sociedade da época. “A postura corporal de Anayde carregava consigo armas, signos e sinais que rompiam com o propenso: cabelos curtos, olhos atentos, letras perspicazes, presença assídua nas ruas e praças. Presente na cena pública e política, Anayde não abstém-se de transitar entre espaços que outrora e provavelmente ainda eram restritos ao masculino, espaços de legitimação de poder público e político, onde homens defendiam seus ideais

/// A postura corporal de Anayde carregava consigo armas, signos e sinais que rompiam com o propenso ///

e visões de mundo”.

Para a historiadora Luiza de Paiva Carneiro, não há registro de que Anayde tenha sido declaradamente feminista, engajada em movimentos sociais. “Nem de que tenha se engajado em movimentos sociais pró-emancipação feminina. Embora tenha tido opiniões progressistas e liberais para com as mulheres, feminista não é um título que Beiriz erigiu para si”, esclareceu.

“Em sua curta vida, construiu um legado literário e um esboço dos ideais feministas e políticos”, também emendou a historiadora Emanuella Brunet. Com relação às poesias de Anayde, Brunet explica que eram influenciadas pelos modernistas da década de 1920 e foram mais declamadas do que publicadas por ela. São, portanto, poesias vanguardistas.

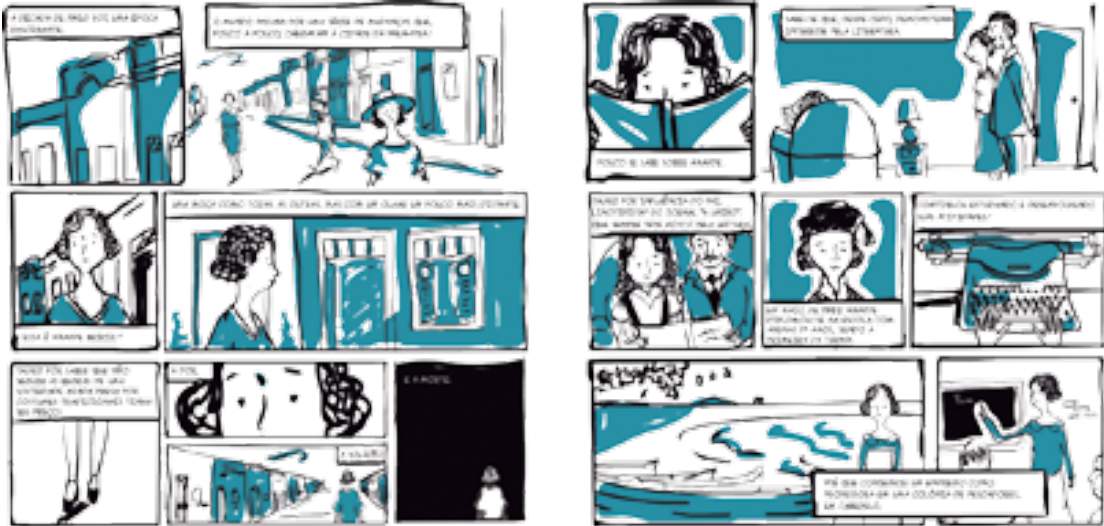
Anayde foi a primeira aluna de sua turma. Ingressou na carreira docente, em Cabedelo, na “Escola da Colônia de Pescadores Z-2”. Era de origem humilde, mas as amizades construídas na Escola Normal, aliadas ao cultivo das letras, permitiram-lhe frequentar rodas da sociedade, tertúlias e saraus em residências das personalidades da época.

A professora Anayde também não é considerada uma revolucionária propriamente dita. “Creio que esta seja uma palavra muito forte para descrevê-la. Anayde Beiriz não queria instituir uma nova ordem social, como seria uma revolucionária; não se organizava politicamente para isto. Pode-se dizer, no entanto, que ela foi uma mulher transgressora: no corte de cabelos, na declamação em saraus literários, como também nos amores impossíveis”, disse a historiadora Luiza Carneiro.

Nascida em 18 de fevereiro de 1905, Anayde da Costa Beiriz era filha da sertaneja Maria Augusta e do tipógrafo José da Beiriz, que trabalhava na gráfica do Jornal A União. Foi diplomada na Escola Normal da Paraíba em 1922, quando tinha apenas 17 anos. Por seus olhos negros, ganhou o apelido de “pantera dos olhos dormentes” e, em 1925, venceu um concurso de beleza promovido pelo Correio da Manhã.

A historiografia das primeiras décadas seguidas de sua morte reforçou uma visão machista sobre Anayde. “Ela era tida, meramente, como ‘doidivana’ e reduzida a parceira de João Dantas. Visões progressistas e feministas, a partir da década de 1980, no entanto, abriram uma nova perspectiva de leitura sobre Anayde Beiriz. Os pesquisadores e artistas, desde então, tentam propor narrativas abordando aspectos biográficos de Anayde, descondicinando-a da imagem de pivô do assassinato de João Pessoa”, destacou Luiza Carneiro.

Arte: Luyse Costa



BIOGRAFIA EM QUADRINHOS

■ A biografia de Anayde Beiriz foi contada também em quadrinhos por Luyse Costa, em 2013. Formada em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a paraibana mora hoje em São Paulo, onde atua como ilustradora. A ideia de escrever sobre a poeta em um formato inusitado surgiu durante a fase de conclusão do curso de História.

Sandra Nascimento

Revelação paraibana de destaque nacional

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Sandra Nascimento nasceu em Campina Grande (PB), em 8 de agosto de 1967. Morreu na mesma cidade, em 25 de junho de 1991, aos 23 anos, em um acidente de carro. Seu corpo está sepultado no jazigo da família, no Cemitério do Monte Santo. Filha do comerciante de carnes bovinas Emídio do Nascimento e de Maria José Nascimento, formou-se em Comunicação pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 1989. Foi a primeira mulher paraibana a ter suas reportagens veiculadas no Globo Repórter, abordando a escassez de chuvas na Paraíba e no Nordeste.

Na adolescência, prestou vestibular para Física e Comunicação. Preferiu o Jornalismo, uma tendência profissional que talvez tenha se manifestado na hora de sondar as oportunidades de emprego na área, assim informam pessoas de sua convivência. Fez seu primeiro estágio no jornal impresso A Gazeta do Sertão, posteriormente ingressando na TV Paraíba. Quando faleceu, exercia o cargo de assessora de imprensa da Unimed, em Campina Grande. Além de jornalista, também chegou a fazer um curso para modelo, mas desistiu de exercer a profissão.

Sua primeira matéria na TV Globo resultou em um minidocumentário nacional, centrado nas chuvas do Nordeste e no aproveitamento da lavoura. A qualidade de suas reportagens contribuiu para que a direção da emissora a convidasse para um estágio no Jornal Nacional. Sandra recusou porque, sendo ela a mais velha dos irmãos, teve que acompanhar o tratamento de seu pai, acometido de câncer pulmonar. Afinal, ela era considerada o “braço direito da família”.

Pautas sobre o campo

“Apesar de muito comunicativa, quando era criança nunca demonstrou pretensões para a carreira de Jornalismo”, informa sua irmã caçula, a professora Sílvia Barbosa Nascimento, que mora em uma granja da família nos

arredores de Campina Grande, onde ela, Sandra e mais três irmãos viveram a maior parte de suas vidas. “Acho que nasceu desta convivência com o campo a sua preferência por matérias ligadas ao meio rural. Sandra brigava pelas pautas destinadas à agricultura, pecuária e aspectos climáticos”, lembra Sílvia.

Personagens simples

As reportagens de Sandra também denotavam a preferência por contar histórias de pessoas simples, que batalhavam duramente pela vida. Eram personagens que lhe proporcionavam a inspiração, além da informação. Seu entusiasmo maior era colocar no vídeo, em destaque, os enfoques sobre a natureza, ou eventos histórico-culturais do Compartmento da Borborema, região polarizada por Campina Grande. Deste modo nasceu a entrevista-reportagem que denunciou a falta de interesse dos órgãos de proteção do patrimônio históricos com relação ao arquivo de Odicine.

E quem foi este personagem que tanto interessou a Sandra? Odicine era o pseudônimo comercial do cinegrafista e documentarista Odilon Felisberto da Silva, mais conhecido pelo nome da sua produtora de filmes. Entre os anos de 1966 e 1980, ele registrou em

vídeos eventos importantes do cotidiano histórico-cultural-urbano de Campina Grande. Era um material filmado e acondicionado em 51 latas, cada uma com 300 metros de filmes, que abordavam temas como esporte, política, religião e variedades, a exemplo da passagem pela cidade de figuras importantes como Chacrinha, Roberto Carlos, Altamar Dutra, Nelson Gonçalves, Frei Damião, Edvaldo do Ó e outros personagens.

Entre os arquivos de valor filmados por Odicine, Sandra destacou, em 1988, a influência de Carlos Dias Fernandes nas letras paraibanas. Fernandes foi diretor do Jornal A União, onde implantou novo estilo de redação. Também ressaltou a história de Cuité, município situado no Curimataú Paraibano e seus 33 olhos d’água. Hoje Cuité é um dos maiores produtores de feijão e minério do Estado.



Arte: Tonio

Narrativa ideal para o programa Globo Rural

Com todas essas qualidades e uma narrativa correta e simples para os temas do campo, Sandra foi a primeira jornalista paraibana a trabalhar no Globo Rural. Ela se destacou com matérias sobre as chuvas no Nordeste e o aproveitamento da lavoura.

“Ela era uma perfeita repórter de rua e do setor rural, registrando, com seu texto simples, direto e objetivo, o dia-a-dia de Campina Grande”, diz Carlos Siqueira, apresentador e editor chefe do noticiário jornalístico JPB 2, da TV Paraíba. Ele lembra ainda que Sandra teve passagens de destaque no Globo Rural. “Começou a ser notada por causa da simplicidade em abordar o personagem e em aplicar os termos corretos da narração, demonstrando intimidade com os textos voltados para as coisas simples, aí incluindo as pessoas”, recorda.

Sandra, ao elaborar seus vídeos, se preocupava, prioritariamente, com a produção de feijão e milho da região em que atuava. Obstinada, exigia cumprir as pautas rurais, com um zelo profissional nunca visto. Siqueira atribui a isso o seu destaque no Globo Rural. “Era uma pessoa extremamente do bem, daquelas que chamamos gente boa”, realça. “Coube a mim a difícil missão de fazer a reportagem da sua morte, naquele fatídico ano de 1991”, lamenta.

De acordo com Siqueira, relatar a morte de Sandra foi um choque emocional muito forte. “A gente trabalhava junto e eu tive que me esforçar na frente das câmeras, para relatar a morte de uma colega de trabalho. Seu carro foi colhido de frente por um ônibus, na Avenida Brasília, diante do Shopping Pastage, em Campina Grande”, relata.

Sílvia, irmã da jornalista, endossa as palavras de Siqueira, acrescentando detalhes do ocorrido. “O acidente fatal aconteceu na BR-230, em frente ao hoje Posto de Combustíveis Shopping, onde um motorista da Viação Passos, alcoolizado, bateu no carro dela, que teve morte imediata”, ressalta.

Amigos e parentes da repórter global chamam a atenção para uma coincidência. O pai de Sandra morreu no mesmo ano que ela (4 de agosto de 1991), 45 dias após a morte da



Foto: Arquivo de família

Sandra Nascimento foi repórter da TV Paraíba e suas matérias abordavam temática nordestina

filha. Quatro irmãos de Sandra ainda estão vivos – Sidney, Suênia, Shirley e Sílvia. Era uma tradição da época as famílias colocarem os nomes dos filhos numa letra só. Sandra também tem primos registrados só na letra “V”.

“Tratar com as pessoas de forma simples e natural, se identificando com a matéria e o linguajar dos entrevistados, fluía, para Sandra, sem dificuldades nem representação. Ela gostava de matérias que traziam envolvimento com o telespectador e os fatos que narrava, pois penetrava fundo nos assuntos que, a seu ver, forneciam vida”, realça a repórter da TV Correio em João Pessoa, Amy Nascimento, sobrinha de Sandra. “O que ela fazia parecia um desafio para muitos profissionais da mesma área”, completa.

Na opinião de Amy, que é filha de Shirley, irmã de Sandra, a tia “era uma excelente jornalista de TV, apesar da sua passagem rápida como profissional da área, que durou apenas dois anos”, afirma. “Ela foi marcante o suficiente para trabalhar com cinegrafistas escolhidos. E, o mais importante, segundo pude observar, é que os que a conheciam só através da televisão, se emocionavam com suas matérias e isto endossa a afirmativa de sua boa qualidade como jornalista”, explica.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com



Qual o limite entre informar e violar a privacidade?

Há uma semana, o deputado estadual da Paraíba Genival Matias morreu em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico (AVCH) quando pilotava uma moto aquática na Praia de Serrambi-Ipojuca, em Pernambuco. A morte foi divulgada ainda pela manhã do domingo, mas ainda sem a informação precisa sobre a causa do óbito. No fim do dia, alguns veículos trouxeram a versão correta, mas ilustrando a matéria com uma imagem da Declaração de Óbito.

Pergunto: qual a necessidade de se expor uma foto contendo a Declaração de Óbito? Por mais que se trate de uma pessoa pública, estamos divulgando um documento particular. Infelizmente, no afã de divulgar um fato em primeira mão, esquecemos que o fazer jornalístico também precisa levar em consideração o respeito à privacidade. Por que não podemos ser empáticos nessa situação?

Talvez eu esteja sendo muito sentimental, pois faz pouco mais de dois meses que perdi meu pai. Questões pessoais à parte, ainda não consigo ver

uma justificativa para uma cópia da Declaração de Óbito ilustrar a matéria. Se fosse uma morte com causa contestada pela família, por adversários políticos etc., mas não era o caso.

Em um grupo de WhatsApp no qual abordei esse tema, alguns colegas alegaram que, desde cedo, havia controvérsias em relação ao motivo real do falecimento do deputado. Inicialmente, a notícia era que a morte fora causada por um acidente; depois, divulgaram que o parlamentar tivera um mal súbito durante um passeio de jet-ski. Houve ainda a versão de que haveria outras vítimas.

Certo. As informações eram desencontradas, porém colocam mais pimenta nessa conversa. Se a causa da morte do parlamentar fosse veiculada sem a imagem da Declaração de Óbito, haveria perdas em relação à credibilidade do que foi noticiado? Em caso positivo, isso significa que só posso acreditar em uma notícia se o relato vier acompanhado de uma foto, um fac-símile de um documento, um vídeo, um áudio? Ou a



credibilidade de um veículo de comunicação deveria ser suficiente para que o fato informado fosse percebido como algo verossímil por seus leitores/telespectadores?

Nossa preocupação com a notícia, acredito, deve levar em consideração aspectos éticos e até mesmo um pouco de compaixão. Como será que os familiares e amigos próximos do parlamentar ficaram ao se deparar com a Declaração de Óbito compondo a matéria? Detalhe: também vi a mesma imagem ser divulgada em perfis de redes sociais de alguns portais. É sério que precisamos disso?

Para Patrick Lee Plaisance, professor na Colorado State University, o jornalismo ético respeita os espaços e as informações priva-

das quando não há um interesse público prioritário. “Os jornalistas éticos entendem que o êxito e a eficácia das pessoas como seres sociais requerem que elas mantenham uma esfera privada que não esteja sujeita ao escrutínio público”, defende Plaisance.

Já Rushworth Kidder, ex-editor do Christian Science Monitor e fundador do Instituto de Ética Mundial, afirma que a ética é a obediência ao que não é obrigatório; ou seja, é a “conduta que adotamos mesmo quando não somos forçados por lei”. Assim, mesmo que não exista uma legislação que proíba a divulgação de uma Declaração de Óbito, entendo que repensar o porquê de se publicar a imagem de tal documento é imperativo.

Mais: a Constituição Federal, em seu art. 5º, inciso X, estabelece que são “invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”. Expor a Declaração de Óbito de um parlamentar é violação de intimidade? Para mim, sim. E não há argumento jornalístico que me faça pensar de forma diferente. O fato é que precisamos de um olhar mais humano para o jornalismo. E de empatia também: essa capacidade de se pôr no lugar do outro, imaginando-se nas mesmas circunstâncias. Como você se sentiria ao ver publicada em um portal, no mesmo dia em que seu pai, marido, amigo morreu, uma cópia da Declaração de Óbito dele?

Dom Cardoso

escritoriocardoso@gmail.com



Elizete Cardoso, “A Divina” – centenário de nascimento

A enluarada, a Faxineira das Canções, a Magnífica, a Divina, a Lady do Samba, a Noiva do Samba-canção, a Mulata Maior, a Cantadeira do Amor, a Meiga Elizete, Elizetíssima. Entre tantos (e outros) apelidos carinhosos, Elizete Cardoso só ficava constrangida quando a chamavam de Divina. “Eu não mereço”, dizia. “Quando alguém grita ‘Divina’ na rua, eu fico morta de vergonha e finjo que não é comigo”. Um dia, Elizete confessou à também Divina Sarah Vaughan o quando o adjetivo a encabulava. Sarah sorriu e deu-lhe um conselho: “Não abdique dele, foi uma conquista sua”. Esses adjetivos conquistados por Elizete Cardoso são todos merecidos, nenhuma outra cantora no mundo tem tantos elogios quanto a Divina.

Elizete Moreira Cardoso (Rio de Janeiro, 16 de julho de 1920 – Rio de Janeiro, 7 de maio de 1990) foi uma cantora brasileira. Conhecida como “A Divina”, Elizete é considerada uma das maiores intérpretes da música brasileira, além de uma das mais talentosas cantoras de todos os tempos, reverenciada pelo público e pela crítica nacional e internacional. Nasceu numa casa de conforto na Rua Ceará nº 5, no bairro Estação de São Francisco Xavier, próximo ao morro de Mangueira. Seu pai, o carioca Jaime Moreira Cardoso, fiscal da prefeitura do Distrito Federal. Eram muito pobres, o que era agravado pelo fato de que seu Jaime gastava boa parte do que ganhava nas ruas, com namoradas, serestas e bebida. O senhor Jaime era seresteiro e tocava violão. Sua mãe, a baiana Maria José Pilar, dona moreninha, gostava de cantar.

A família em geral, principalmente seu Tio Pedro, praticava da vida musical da cidade, frequentava sociedades dançantes da época. Oriunda de uma família humilde, tinha o sonho de ser artista, e era levada por seu pai para cantar pelos bairros da

Zona Norte carioca, cobrava ingresso (dez tostões) das outras crianças para ouvi-la cantar os sucessos de Vicente Celestino. Com apenas 5 anos, subiu no palco da antológica Sociedade Familiar Dançante e Carnavalesca Kananga do Japão e pediu para o pianista acompanhá-la na marchinha “Zizinha”, de José Francisco de Freitas, Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes, sucesso do Carnaval daquele ano.

De uma família de seis irmãos, além dela, Jaimeira, Enedina, Nininha, Diva e Antonio. A família frequentava casa de sambas e festivais de música popular na cidade. Nessa época, morou no bairro carioca de Jacarepaguá. Ainda menina, costumava frequentar a famosa casa de Tia Ciata, onde convivia com grandes músicos amigos de seus pais e de seus tios Ivone e Pedro. Ainda criança, também colocava em prática seu lado escritora e atriz e costumava escrever peças e organizar teatros para as crianças da vizinhança, sempre tendo como repertório de suas criações as músicas de Vicente Celestino.

Embora almejassem brilhar nos palcos, sua vida não fora nada fácil: após concluir o primário, ela e seus irmãos tiveram que abandonar os estudos e ajudar no sustento do lar. Elizete começou a trabalhar aos dez anos e, entre os anos de 1930 e 1935, foi balconista, funcionária de uma fábrica de sabões e cabeleireira.

A vida de Elizete começou a mudar aos dezesseis anos, quando ela teve sua primeira festa de aniversário. Nessa época, sua família havia se mudado para uma pequena casa na Rua do Rezende, nº 87, Centro do Rio. Com difíceis condições financeiras, a família foi morar de favor com a tia Ivone e o marido dela, Pedro. Sua festa fora realizada nesta casa. Para a festa, foram convidados vários amigos de seu pai e de

seu tio, também músicos: Pixinguinha, Dilermando Reis, Jacó do Bandolim. Seu tio Pedro, por quem Elizete tinha especial carinho, adorava ouvi-la cantar – e resolveu mostrá-la aos amigos.

Apresentou-a a Jacó, que pediu que a jovem cantasse para todos na festa, e mesmo muito tímida, concordou, cantou o samba “Duas lágrimas”, de Benedito Lacerda e Herivelton Martins, acompanhada pelo conjunto de um jovem de 18 anos chamado Jacó Pick Bittencourt, que ficaria famoso como Jacó do Bandolim, e todos gostaram e aplaudiram seu talento nato. Jacó, impressionado com a voz da adolescente, que mesmo sem aula já era uma voz sem erros, profissional. Você é uma cantora extraordinária – disse ele após o número. E, aproveitando, resolveu convidá-la para fazer um teste na Rádio Guanabara e ver se o dono aprovava.

Quem não gostou nada disso foi o senhor Jaime, que advertiu do alto dos seus quase dois metros de altura que a filha não iria cantar em lugar algum. Tio Pedro e a mulher tia Ivone, com o integral apoio de dona Moreninha, protestaram. Seguiu-se, então, um intenso bate-boca entre eles e o pai da cantora, que diante da pressão familiar e sem possuir aliados acabou por se curvar à vontade da filha. Está bem, mas eu vou junto! – gritou, enfadado. Olhou para a filha e completou: – Essa menina é muito assanhada.

Elizete fora no dia seguinte, e com louvor, conseguiu passar na prova e eliminar diversas candidatas: venceu a prova em primeiro lugar e assim sua carreira deslançou. Com apenas um disco gravado, começou a ganhar um bom dinheiro e ajudar mais sua família. Seu pai era contra a exposição da filha e não queria que ela se tornasse profissional, mas Elizete tinha um gênio muito forte e uma vontade de realizar seus sonhos maior ainda. Então, mesmo contra a vontade dele, realizou sua primeira apresentação em 1936, no Programa Suburbano, ao lado de Vicente Celestino, Araci de Almeida, Moreira da Silva, Noel Rosa e Marília Batista. Nesta ocasião, o poeta da Vila se mostrou simpático com a novata e, além de lhe diri-

gir palavras de estímulo, ensinou-a a cantar o samba “Quem ri melhor” uma de suas grandes composições. A apresentação garantia a Elizete uma oportunidade de um programa semanal. Na semana seguinte, foi contratada para um programa semanal na rádio.

Posteriormente, a cantora se transferiu para a Rádio Educadora (programa Samba e outras coisas) e, em seguida, para a Rádio Transmissora, onde participou do programa Rádio novidades. Pouco tempo depois, Elizete passou a se apresentar na Rádio Mayrink. A partir daí, nunca mais parou de fazer sucesso, gravando um disco atrás do outro.

A divina e dama da canção brasileira gravou 22 discos 78 rotações e 40 LPs, dentre esses alguns tornaram-se antológicos. Em 1958, com o lançamento do antológico LP “Canção do amor demais”, com músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, considerada o marco do início da bossa nova, por conta da sua interpretação e do acompanhamento de João Gilberto, até então um músico desconhecido. Nas canções “Chega de saudade” e “Outra vez”, este disco traz uma interpretação excepcional para “Canção do amor demais”, de autoria do irmão de Chico Anísio, Eleno de Paula e Chocolate, sendo considerado um dos discos mais importantes da discografia brasileira. Outro LP “Elizete sobe o morro” foi um dos grandes LP da nossa música brasileira, que inclusive marcou também a estreia de Nelson Cavaguinho em gravações.

O sucesso do disco “Elizete sobe o morro”, de 1965, com a canção “O samba, a flor e o espinho”, na voz de Elizete Cardoso, se tornou um dos maiores clássicos do gênero, com marca registrada da dupla Nelson Cavaguinho e Guilherme de Brito. Segundo o empresário, arranjador vocal e produtor musical de trilhas sonoras ganhador de 27 Grammy Award, o norte americano Quincy Jones quando conheceu a divina fez a seguinte afirmativa: “você é a dama da canção do Brasil, é uma das maiores cantoras do mundo que eu tive o prazer de ouvir em toda a minha vida. Já comprei vários discos seus e irei ouvi-los quando chegar nos Estados Unidos”.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Covalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.



@waltinhoulysses



chefwalterulysses@hotmail.es

Invista e espere!

Este é o momento. O mercado está em baixa e praticamente turbulento, e isso pode significar oportunidades de negócios para sua empresa.

Sabemos que a crise causada pelo Coronavírus pegou todos de surpresa em um momento onde se esperava que o comércio e o mercado iram esquentar, mas tudo indica nessa fase de novo normal o retorno de toda parte da área de hotelaria onde entram hotéis, bares, restaurantes... Então está na hora de começar a rever seus conceitos, valores, consultorias e essa é uma forma de investimento com um retorno a curto prazo.

Esse não é um motivo de ficar desanimado, pelo contrário. É uma nova fase de um novo normal. É juntar sua equipe de trabalho, fazer os treinamentos necessários, adequar as normas de segurança tanto de seus funcionários como também de seus clientes e estabelecer metas a serem batidas durante a semana.

Aprenda a entender seu negócio, vamos controlar as emoções do que se tem para pagar tentando negociar com seus fornecedores. Entenda sua situação financeira. Se é hora de buscar uma linha de crédito com seu banco para esse investimento. Veja a oportunidade que seu consultor poderá te mostrar para ter um resultado mais rápido e não tenha medo, essas são as formas mais simples de reabrir para o novo normal e de maneira segura.

Neste momento da pandemia o ramo de hotelaria foi o que mais sofreu e vem sofrendo, muitos não se adequaram ao delivery, e estão no zero e muitas contas a pagar.

O cenário é totalmente novo para todos. A crise financeira é geral e o alto número de desempregados também era



Foto: Reprodução

algo que ninguém imaginava há quatro meses. Por isso, a melhor forma de escolha e de não errar é agora nas suas ações de negócios e investimentos.

Claro que não tem como ficar totalmente tranquilo, mas procure controlar suas emoções diárias, sabemos que o seu patrimônio teve uma queda valorosa e terá que correr atrás do prejuízo, mas como se diz o ditado: "cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém".

Não tenha medo de investir, afinal temos que ser gananciosos neste momento onde todos têm medo. O que temos a perder, se o que está perdido só voltará com o esforço de nosso trabalho?

Quero deixar uma palavra de coragem para você. O período de crise é normal em qualquer local do mundo e o empresário que é inteligente sabe que tão logo o resultado virá.

Vamos à luta e mudemos esse jogo.

PRATO DO DIA

Filé ao molho de mostarda com risoto de alho poró

INGREDIENTES DA CARNE:

- 1 tornedor do filé mignon cortado em pedaços de três dedos
- 3 dentes de alho espremidos
- Mostarda de dijon (2 colheres de sopa)
- Sal e pimenta a gosto
- 1 cubo de caldo de legumes
- 1/2 xícara de azeite de oliva
- 1 colher de manteiga
- 2 xícaras de chá de creme de leite
- 1 colher de grão de mostarda

INGREDIENTES DO RISOTO:

- 2 xícaras (chá) de arroz (arbóreo)
- 1 taça de vinho branco
- Caldo de legumes fervente
- 1 xícara de chá de leite
- 5 xícaras de alho poró picado
- Manteiga e azeite o suficiente para fritar o alho e o alho poró
- 4 dentes de alho espremidos

Modo de preparo

FILÉ AO MOLHO DE MOSTARDA

Grelhar os filés na manteiga e adicionar sal com a pimenta do reino. Depois de grelhados, reserve. Fritar o alho na manteiga com azeite até ficar transparente. Acrescente a mostarda, o caldo de legumes e o creme de leite, acerte o sal se necessário e despeje sobre os filés. Sirva em seguida.



Foto: Arquivo pessoal

RISOTO DE ALHO PORÓ

Frite o alho e o alho-poró na manteiga com um pouco de azeite, acrescente o arroz e adicione o vinho branco e a água fervente aos poucos, sem parar de mexer, até que o arroz esteja no ponto. Adicione um pouco de leite, acerte o sal e sirva em seguida.



QUENTINHAS

- A Pizza do Pedaco lançou uma pizza de um sabor muito especial com um super recheio, molho de tomate especial da casa, muçarela, lombinho canadense, outra dose de muçarela com toque de orégano e tomate seco. Deliciosa. É uma combinação perfeita e de dar água na boca. Eles também investiram numa embalagem com capa de alumínio que mantém a pizza mais quentinha ainda. Contato: 98834-1376 ou no Instagram @pizzado.pedaco
- A Cozinha com Afeto da Arte Capixaba vem trazendo bastante novidade. Recentemente, lançaram nova remessa de canelone com massa caseira e fresca e molho de tomate caseiro. É comida caseira com sabor diferenciado. Você pode entrar em contato pelo: 98211-3631 ou no Instagram @artecapixaba
- Quem tem intolerância a certos alimentos ou não pode comer açúcar pode conferir as delícias que a Carol Campbell da Cozinha Afetiva faz. Ela é uma mãe empreendedora especializada em pães artesanais para toda família e lanchinho saudável sem açúcar nem lactose para bebês. Vale a pena demais. O instagram dela é @cozinhaafetivajp e contato para pedidos é 98747-1671.

PITADAS A GOSTO



A mostarda de Dijon é uma variedade de mostarda forte muito usada na culinária francesa. Ela é feita a partir de grãos de mostarda, vinagre, sal e ácido cítrico. Ela acompanha todas as carnes e entra na composição da maionese. O nome "mostarda de Dijon" não é uma denominação de origem controlada. A receita da mostarda é encontrada na cidade de Dijon desde o século XVIII. Existem variações na receita da mostarda de Dijon, sendo a mais comum a combinação com o estragão. A mostarda de Dijon responde por 90% da produção francesa de mostarda.

Na cidade de Dijon, as marcas mais conhecidas da mostarda típica da região são Maille e Amora. Fabricantes tradicionais de condimentos, as empresas Maille e Amora pertenceram à Danone até 1997 – elas haviam sido reunidas em 1996 por uma fusão, que criou a Liebig Maille Amora (LMA). A LMA foi vendida ao grupo financeiro Paribas em 1997; as operações das empresas Maille e Amora foram revendidas à multinacional de alimentos anglo-neerlandesa Unilever em 2000.



Período conturbado

O governo de João Pessoa foi marcado pelo difícil diálogo com os grupos oligárquicos que dominavam a política paraibana. Enquanto tomava medidas consideradas modernas na administração pública, ele centralizava o poder e criava adversários. [Página 22](#)



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 26 de julho de 2020 | **A UNIÃO** 21

A história de João Pessoa

Militar, advogado e político, o paraibano de Umbuzeiro governou a Paraíba e foi, com sua morte, pivô da Revolução de 30

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Umbuzeiro, na Paraíba, no dia 24 de janeiro de 1878. Era filho de Cândido Clementino Cavalcanti de Albuquerque e de Maria Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, irmã do jurista Epitácio Pessoa (único paraibano que chegou às presidências dos três Poderes da República) e de Antônio Pessoa, que foi vice-governador da Paraíba em 1915. João Pessoa teve três irmãos. Aristarco Pessoa, Cândido Pessoa e José Pessoa.

Ele começou as primeiras letras na sua cidade natal e, levado por uma tia, em 1889, seguiu para Guarabira a fim de continuar os estudos. No ano seguinte, foi para o Rio de Janeiro, então Capital do país. Na companhia do tio Epitácio, pouco depois viajou para Salvador, onde morou até 1894,

Como Epitácio Pessoa começava a se tornar líder político e pretendia se fixar na Paraíba por mais tempo, João Pessoa novamente o acompanhou e aqui sentou praça no 27º Batalhão de Infantaria, pretendendo seguir a carreira militar. E seguiu, mas já no ano seguinte, 1895, voltando para o Rio de Janeiro onde ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha. Em maio de 1897, os alunos se rebelaram. Vários oficiais terminaram presos e 165 alunos desligados da escola.

Em julho de 1897, após ser

desligado da escola, João Pessoa foi transferido para o 4º Batalhão de Artilharia de Posição, em Belém. Em abril do ano seguinte, no entanto, conseguiu sua exclusão alegando “incapacidade física”, única maneira de ter baixa da tropa. Empregou-se em seguida numa casa comercial de secos e molhados, mas logo no primeiro mês de trabalho contraiu uma doença que o levou à internação num hospital. Em seguida, retornou a Paraíba.

Advogado e ministro

Em 1899, João Pessoa se matricula na Faculdade de Direito do Recife, por onde já começava também a exercer as funções de servidor público. Colou grau em dezembro de 1903 e passou a exercer a advocacia em Recife e na capital paraibana.

Em 1909, decidiu voltar para o Rio de Janeiro e, em setembro desse mesmo ano, foi nomeado representante do Ministério da Fazenda nos processos de desapropriações para execução de obras públicas, passando, quatro meses depois, à condição de Auditor - auxiliar da Marinha.

Nesse período, ele se casou com Maria Luísa de Sousa Leão Gonçalves, filha do ex-presidente de Pernambuco, desembargador Sigismundo Gonçalves. E, com ela, teve um filho, Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Nomeado auditor interino da Marinha em agosto de 1913, João Pessoa tornou-se efetivo em abril do ano seguinte.

Governador do Estado

Em 1919, seu tio Epitácio Pessoa foi eleito presidente da República e, três meses depois da posse dele, João Pessoa assumiu interinamente o cargo de ministro do então Supremo (hoje Superior) Tribunal Militar (STM). Em dezembro do ano seguinte, foi efetivado nessa função.

Embora vivendo e trabalhando no Rio de Janeiro, João Pessoa sempre manteve vínculos com os meios políticos da Paraíba, onde Epitácio Pessoa controlava a principal legenda, o Partido Republicano da Paraíba. E foi assim que, com a projeção que ganhara no Rio de Janeiro e com a força política que o tio Epitácio detinha por aqui que, em 1928, João Pessoa foi indicado candidato único ao Governo da Paraíba. Eleito em junho, ele tomou posse em outubro e encontrou o Estado em difícil situação financeira. Projetou muitas obras, mas, a mais badalada e cara foi a do Porto de Cabedelo que veio seguida de rigorosas medidas tributárias, dirigidas contra uma forte produção comercial do sertão da Paraíba que, ao invés de Cabedelo, era desviada para o Porto de Pernambuco.

Foi a partir daí que João Pessoa entrou em conflito com os chamados “coronéis”, entre os quais se incluíam José Pereira de Lima, da região de Princesa Isabel, e João Suassuna (pai do escritor Ariano Suassuna) que havia governado a Paraíba antes de João Pessoa. E, além disso, no ano seguinte, João Pessoa “negou” apoio à candidatu-

ra de Júlio Prestes, rompendo com o Governo Federal que era chefiado por Washington Luiz.

Mesmo com problemas políticos, durante dois anos, ele conseguiu méritos para o seu governo, reduzindo sonegação de impostos, equilibrando a economia do Estado e estimulando a agricultura e a indústria.

Disputa nacional

Graças a isso e ao rompimento com o Governo Federal, em 1930 teve seu nome indicado como candidato a vice-presidente da República na chapa de oposição encabeçada por Getúlio Vargas. A chapa foi derrotada, com Júlio Prestes eleito presidente e Vital Soares vice.

João Pessoa ainda governaria o Estado por mais dois anos, até 1932, mas, em 26 de julho de 1930, ele foi assassinado pelo desafeto político João Dantas, na Confeitaria Glória, no Recife. O assassinato acirrou o clima político no país e comoveu a Paraíba que, menos de três meses depois, no dia 4 de setembro de 1930, através da Assembleia Legislativa, decidiu prestar homenagem ao governador assassinado mudando, de Parahyba para João Pessoa, o nome da Capital.

Fontes: Arquivos do Centro de Pesquisa e Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Casa de José Américo e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Foto: Arquivo A União



O tio e padrinho político, Epitácio Pessoa



A esposa Maria Luísa de Sousa Leão Gonçalves

Um marceneiro no Supremo Tribunal Militar

Marcílio Franca
Especial para A União

Há exatos noventa anos, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, então presidente do Estado da Paraíba e candidato a vice-presidente na chapa liderada por Getúlio Vargas, era assassinado com três tiros na tradicional Confeitaria Glória, na movimentada Rua Nova, n. 318, centro do Recife, depois de ter almoçado no secular Restaurante Leite. O crime de 26 de julho de 1930 provocou gigantesca comoção nacional e é apontado como o Sarajevo da Revolução de Outubro de 1930, que depôs o presidente Washington Luís, impediu a posse de Júlio Prestes e pôs fim à República Velha.

Todo o messianismo e passionalidade que envolveram o assassinato de João Pessoa, porém, contrastam com o fato de que a sua carreira política começou tarde, apenas dois anos antes do crime, em 1928, quando, aos cinquenta anos, fora eleito presidente do Estado e deu início a uma profunda remodelação ad-

ministrativa e financeira da Paraíba. Antes de sua primeira e única vitória eleitoral e da candidatura à vice-presidência da República, todavia, Pessoa havia dedicado boa parte de sua vida ao direito.

Em 1º de março de 1899, depois de uma breve experiência militar, João Pessoa foi nomeado amanuense da velha Faculdade de Direito do Recife, a mesma escola em que seu tio Epitácio Pessoa, então Ministro da Justiça, havia sido acadêmico e professor. O arquivo histórico da faculdade conserva curiosos manuscritos desse período. O gosto pela vida acadêmica veio rápido, e logo João Pessoa matriculou-se como aluno da Casa de Tobias Barreto, onde se formou em 19 de dezembro de 1903.

A vocação de penalista levaria João Pessoa a seguir carreira na Justiça Militar. Foi nomeado em 11 de dezembro de 1909 para o cargo de auxiliar do Auditor Geral da Marinha. Começa ali o tão frutífero quanto pouco comentado percurso de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque na Justiça Militar da União, onde

chegaria a Ministro do Supremo (hoje Superior) Tribunal Militar (STM), em 1919.

Num dos primeiros processos em que atuou, no Conselho de Guerra que julgou o almirante Marques da Rocha pelo massacre da Ilha das Cobras, na sequência da Revolta da Chibata, o seu corajoso voto pela condenação daquele comandante mereceu do senador Rui Barbosa um elogio publicado em O Imparcial, de 2 de fevereiro de 1914: “magistrado exemplar na independência, nobreza e correção dos seus actos”.

O caso envolvendo o marinheiro João Cândido, o “Almirante Negro”, não foi um episódio isolado. No Supremo Tribunal Militar (STM), entre 1919 e 1928, João Pessoa relatou cerca de 140 processo.

Nessa mesma altura em que exercia a magistratura no Supremo Tribunal Militar, na histórica sede da corte, no Rio de Janeiro, João Pessoa contratou o português Manoel Moreira para lhe ensinar as artes da marcenaria, que muito apreciava. Não demorou a dominar a boa técnica do trabalho em madeira, que passou a ter como

hobby frequente. Habilidoso e detalhista, Pessoa começou a presentear amigos e familiares com belos móveis e objetos construídos em sua oficina caseira.

Seja no Supremo Tribunal Militar, seja na sua oficina de marcenaria, o ministro-artesão exercitava habilidades e sensibilidades semelhantes: apurar os sentidos, medir a força, só pesar as consequências, aparar as arestas, aplainar as imperfeições, limar asperezas, reunir partes, avaliar as substâncias, julgar comportamentos, planejar e executar, idealizar e cumprir. Ao fazer um retrato biográfico de João Pessoa, o procurador da república Ademar Vidal percebeu essa extraordinária sensibilidade do magistrado nascido na Fazenda Prosperidade, em Umbuzeiro (PB), em 1878: “Sua maior ciência era a de conhecer os homens, no páreo cotidiano das ambições, medidas ou desmedidas, nunca se enganando nas considerações que sempre fazia. Corajoso e profundamente romântico, dotado de um espírito de justiça admirável - talvez o traço predominante de sua personalidade.”



Conflitos que antecederam a Revolução de 1930

Em dois anos, João Pessoa foi eleito, encarou crise financeira, acumulou inimigos, enfrentou uma revolta e acabou assassinado

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Final da década de 20 do século passado, precisamente no dia 22 de outubro de 1928, assume o governo da Paraíba o advogado João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, ex-ministro do Supremo Tribunal Militar do Brasil e sobrinho de Epitácio Pessoa, ex-presidente da República, uma história que começa com a implantação de um modelo político autoritário e de difícil diálogo com os grupos oligárquicos existentes e resistentes a mudanças e inovações.

Embora com medidas administrativas consideradas modernizantes para a época, a perspectiva é de centralização do poder, numa Paraíba que apresenta uma situação de extrema fragilidade econômica, fato que se agrava em 1929 com a maior crise econômica experimentada no mundo, a Grande Depressão, que quebrou a Bolsa de Nova Iorque e, por tabela, afetou o mercado do algodão, o produto mais cultivado no Estado paraibano.

Vale acrescentar na lista dos fatos históricos paraibanos que antecederam a Revolução de 1930, que depôs o presidente da República Washington Luís, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e colocou na presidência o gaúcho Getúlio Vargas, o período em que João Pessoa governou a Paraíba, de outubro de 1928 a julho de 1930.

João Pessoa começa seu governo prometendo, já no seu discurso de posse, combater o cangaço. Ele mexe no fisco estadual e, principalmente, com a tributação do comércio realizado entre o interior paraibano e o porto de Recife, até então livre de impostos. A medida, adotada para arrecadar recursos para o Estado, que estava endividado, afetou principalmente alguns líderes políticos do Sertão paraibano que tinham comércio com Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, a exemplo do coronel José Pereira, do município de Princesa. O governante paraibano também promoveu mudanças no judiciário, afetando juízes e promotores ligados aos coronéis, que na época indicavam os ocupantes desses cargos.

Para o jornalista e historiador Fernando Melo, autor do livro "João Pessoa – Uma Biografia", a grande verdade é que a figura central de tudo isso foi Epitácio Pessoa, João Pessoa apenas fazia o que o tio queria, porém, em muita coisa ele extrapolava as orientações recebidas. "João Pessoa era um homem de temperamento difícil. Não sei nem se teve tempo de raciocinar sobre determinadas coisas que realizou, porque se tivesse raciocinado um pouco, teria sido mais moderado", complementa.

Naquela época, a maioria dos estados brasileiros praticava o voto semissecreto, ou seja, na hora de votar, o eleitor pedia a chapa de sua preferência ao presidente da mesa e colocava na urna. Aquele voto caía na urna e se misturava com os outros votos. Na hora da contagem, ninguém sabia quem votou em tal chapa, mas antes, na hora de votar, todo mundo ficava sabendo em que o eleitor votava. O voto não era secreto.

Rompimento e revolta armada

João Pessoa veio com vontade de mudar, disse o jornalista e escritor Fernando Melo, mas de forma errada. A inabilidade política do governante se expressa quando ele vai com muita sede ao pote e entra em uma onda de atrito com grupos oligárquicos, a exemplo do que ocorreu com a perseguição a aliados históricos de Epitácio Pessoa e do grupo político que o elegera, como o ex-presidente do Estado João Suassuna e o coronel José Pereira, no famoso episódio da manobra para excluir João Suassuna da lista dos candidatos que seriam indicados para concorrer às eleições federais.

Isso levou a alguns rompimentos políticos. João Suassuna, por exemplo, se candidatou a deputado federal em chapa alternativa contra o esquema político de João Pessoa e foi eleito com os votos amealhados na região de Princesa e Teixeira, seu principal reduto. No entanto, a eleição foi anulada pelo Governo do Estado, a pretexto de que ocorrera em uma região conturbada militarmente, ou seja, o próprio governo enviou tropas a Teixeira, a título de garantir a lisura das eleições, e depois interferiu no resultado para prejudicar seu adversário político, João Suassuna.

Teixeira era o reduto da família Dantas, que tinha parentesco com a família Suassuna e também se alinhava com o coronel José Pereira, todos opositores do governante estadual. Às vésperas das eleições, precisamente no dia 28 de fevereiro de 1930, as tropas da polícia invadiram a cidade, comandadas pelo tenente Ascendino Feitosa, adversário pessoal dos Dantas, cercaram o casarão da tradicional família teixeirense e houve uma intensa troca de tiros, resultando na prisão de quatro familiares dos Dantas. Os coronéis reagiram à agressão. O primeiro foi José Pereira, que enviou uma coluna para ajudar os Dantas. Os governistas foram obrigados a soltar os Dantas que estavam presos. A ofensiva militar em Teixeira e a anulação da eleição de João Suassuna constituíram o golpe final na onda de atrito entre João Pessoa e os grupos oligárquicos sertanejos, o que levou ao conflito armado conhecido como a Revolta de Princesa.

O município de Princesa Isabel, distante 420 km da capital João Pessoa, fica encravado na Serra do Teixeira, no pleno Sertão paraibano. A cidade viveu seu apogeu econômico, como polo regional, no final da década de 1920. O Palácio da Redenção e a cidade de Princesa foram os palcos de uma luta pelo poder na Paraíba, entre João Pessoa e o coronel José Pereira. Enquanto João Pessoa passava a ocupar a vaga de candidato a vice-presidente da República, na chapa da Aliança Liberal, que tinha Getúlio Vargas como candidato a presidente, José Pereira Lima rompia com o sobrinho de Epitácio e apoiou a Júlio Prestes, candidato à sucessão do presidente Washington Luiz.

Os irmãos Francisco e José Pessoa de Queiroz, de Pernambuco, e as famílias Dantas e Suassuna, da Paraíba, tiveram papel relevante no apoio à resistência de Princesa contra o domínio de João Pessoa, que começou em fevereiro de 1930 e que só terminou em julho do mesmo ano, com a morte de João Pessoa. A reunião que iniciou o processo da ação contra João Pessoa e decidiu como opção a luta armada teve a participação de João Suassuna, José Pereira, Duarte Dantas e José Pessoa de Queiroz. Princesa se tornou território livre por meio de um decreto assinado por José Pereira e uma junta nomeada por ele próprio. Com isso, a cidade passou a ter hino, bandeira, jornal e, dizem, até moeda própria, passando a se intitular território brasileiro, mas com total autonomia em relação a Paraíba. As tropas de Princesa envolveram mais de 1.200 homens armados.

Na ocasião, João Pessoa afirmava que ia tomar Princesa em 48 horas, mas o movimento armado durou quase seis meses, com enormes prejuízos para a Paraíba. Fernando Melo lembra que, se antes da Revolta de Princesa a situação econômica da Paraíba já não era boa, com o conflito ficou lastimável. "João Pessoa gastou muito dinheiro com a guerra, esvaziando cada vez mais os cofres estaduais. Para comprar munições, armas, enviar e manter tropas militares no Sertão, o governo precisou contar com a ajuda de aliados, que doavam joias para transformar em ouro, vender e arrecadar dinheiro a fim de armar a polícia para brigar com as tropas de José Pereira", relata.

O jornalista explica que, do outro lado, José Pereira mobilizava um exército de combatentes que gostavam dele e lutavam mais por admirá-lo e segui-lo do que por dinheiro. "Zé Pereira, em algumas ocasiões, havia defendido pleitos da Polícia Militar e isso fez com que tivesse a simpatia



Foto: Reprodução

Presidente João Pessoa morto, em foto tirada no necrotério, em 26 de julho de 1930, no Recife

de muitos soldados, os quais durante a Revolta de Princesa desertaram de sua corporação para aderir à causa do coronel", acrescenta.

Segundo revela Fernando Melo, os soldados de João Pessoa não chegaram a entrar em Princesa. "As emboscadas e as campanhas realizadas pelos revoltosos se constituíram numa estratégia de luta e resistência contra as tropas liberais. Os revoltosos acompanhavam as tropas governistas durante todo o percurso que elas faziam, sempre de longe e escondidos no matagal. Depois, eles cercavam e atacavam as tropas inimigas", completa.

Política Café com Leite

Outro fato importante a ser registrado foi como João Pessoa alcançou a condição de candidato a vice-presidente da República na chapa encabeçada por Getúlio Vargas, nas eleições de 1º de março de 1930. O Brasil da década de 1920 vivia a política Café com Leite. São Paulo e Minas Gerais se revezavam no poder. Fernando Melo lembra que Washington Luís era de São Paulo e o próximo presidente teria que ser de Minas Gerais, no caso Antônio Carlos, que era o governador mineiro. Washington começou a protelar e o tempo foi passando e quando chegou próximo da indicação do presidente e do candidato a vice, Washington disse que ia ser Júlio Prestes que era então o governador de São Paulo, quebrando a tradição.

Com isso, Antônio Carlos começou a se movimentar e procurou atrair alguns aliados. Então, falou com Getúlio Vargas, quem era governador do Rio Grande do Sul e formaram a Aliança Liberal, com os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A incorporação de João Pessoa à Aliança Liberal se deu por conta de Epitácio Pessoa, que após tentar uma negociação com Washington Luís para ele mesmo encabeçar uma chapa de conciliação na-

cional, recebeu a recusa do presidente e então passou a apoiar Getúlio Vargas. Com isso, a Aliança Liberal passou a ter três estados, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba. Epitácio passou um telegrama para João Pessoa orientando o rompimento com o governo de Washington Luís, por não aceitar o sucessor indicado pelo presidente.

João Dantas

Toda essa sucessão de fatos registrados no início da década de 1930, culminou com o envolvimento de mais um personagem, o advogado João Duarte Dantas, cuja família era aliada do Coronel José Pereira de Lima e, por conta disso, passou a ser considerado adversário político de João Pessoa. João Dantas teve participação significativa na guerra ideológica travada entre o Jornal A União, da Paraíba, e o Jornal do Commercio, de Pernambuco - empresa que pertencia ao grupo Pessoa de Queiroz.

No embate político, as farpas na imprensa partiam dos dois lados, ou seja, das partes de João Dantas e de João Pessoa. Um dos artigos mais famosos de autoria de João Dantas foi "Às voltas com um doido", publicado em 7 de julho de 1930, no Jornal do Commercio.

Um dos registros do acirramento dessa relação de ódio foi a invasão, pela Polícia da Paraíba, sob as ordens do governo, do escritório de João Dantas, à Rua Duque de Caxias, na capital. Nessa incursão, apoderaram-se de documentos particulares de clientes do advogado, além de cartas íntimas entre Dantas e a namorada Anayde Beiriz e foi feita uma exposição no hall de entrada do jornal A União. "Tudo isso contribuiu para que João Dantas matasse João Pessoa, por uma questão pessoal. O crime não teve nada a ver com política. Foi um erro de João Dantas matar João Pessoa", conclui o jornalista Fernando Melo.



O mistério sobre as mortes de João Dantas e Anayde Beiriz

Historiadores apontam que advogado e o seu cunhado foram mortos na prisão com cortes cirúrgicos feitos na jugular

Hilton Gouveia
hiltongouvearaujo@gmail.com

A morte de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, ainda guarda mistérios dignos dos romances policiais. Após o assassinato do estadista morreram outras três pessoas – João Dantas, seu cunhado Augusto Caldas e Anayde Beiriz. Os dois primeiros, segundo o escritor paraibano e ex-prefeito de Maceió (AL), Sandoval Caju, “tiveram as carótidas seccionadas, na cela onde estavam presos, na Casa de Detenção do Recife”. Ele diz isso no seu livro “O Conversador”, lançado em 1991. E afirma, seguramente, que “os cortes verificados nos cadáveres eram obra de um perito”, atribuindo esta arte mórbida “a Luís de Góis, um médico alagoano e impetuoso revolucionário”.

Nove anos já se passaram e outro mistério se une a estes anteriores, com uma pergunta que permanece sem resposta: Anayde Beiriz realmente envenenou-se ou foi envenenada? Sandoval Caju, discorde, primeiramente, sobre as mortes do advogado João Duarte Dantas, o assassino de João Pessoa e de seu cunhado, o engenheiro Augusto Moreira Caldas. “Luís de Góis apresentou-se como médico na Casa de Detenção do Recife, em 6 de outubro de 1930 (65 dias após o assassinato de João Pessoa), acompanhado de dois homens robustos, vestidos como enfermeiros. Alegou que viera” dar assistência médica a dois detentos necessitados”. Daí entrou no presídio sem maiores problemas.

Caju adianta: “Logo que entraram na ampla cela onde se encontravam João Dantas e Augusto, Luís de Góis e os dois enfermeiros se lançaram sobre eles, amarrando-os com barbante. Dantas e Caldas foram pegos

de surpresa e executados, de maneira fria e perversa. Luís de Góis retirou um bisturi da maleta que conduzia e aplicou profunda incisão na jugular de João Dantas. Em seguida foi a vez de Augusto, que teve o mesmo fim”. Sandoval Caju descreve Luís de Góis como “um homem baixinho avermelhado, de 1,55m de altura, parecendo descender de anões holandeses”. E diz que “ele era a encarnação de Satã, pois morou um tempo entre São Paulo, Belém, Manaus e voltou ao Recife, onde morreu aos 88 anos.”



Presidente João Pessoa foi morto com três tiros na Confeitaria Glória, em Recife

O escritor, que afirma com muita precisão este lance mórbido da Revolução de 1930, ainda destaca que “a instabilidade das instituições da época não permitiu a produção de documentos que pudessem dirimir as dúvidas sobre as mortes de João Dantas e de Augusto Moreira Caldas”. Atualmente, muitas pergun-

tas ainda intrigam a opinião pública: Por que Luís de Góis e seu companheiros saíram ilesos da Casa de Detenção do Recife? Ele respondeu a algum inquérito, por ter assassinado dois detentos dentro de uma prisão que pertencia ao Estado de Pernambuco? Ninguém sabe.

O historiador Joaquim Inojosa também identificou o médico Luís de Góis e o oficial da polícia paraibana Ascendino Feitosa, tradicional inimigo político da família Dantas, como os assassinos de Dantas e Caldas. Inojosa não afirma que as incisões feitas nos cadáveres foram da autoria de Góis, mas insinua que “não foram efetivadas por um leigo e que Góis era o único médico presente na cela, no dia em que Dantas e Augusto foram assassinados”. Góis, que descendia de influente família alagoana, talvez tenha se escudado na impunidade. Seu tio-avô, Araújo Góis, foi senador do Império. E o baiano Inocêncio Marques de Araújo Góis, seu ancestral, tornou-se o barão de Araújo Góis.

Depois que João Dantas entrou em João Pessoa, o motorista do governador, Antonio Pontes de Oliveira, mirou no agressor e o acertou na cabeça. A Folha da Manhã, que deu a notícia inicial do caso, errou ao dizer que Dantas havia também morrido. A polícia pernambucana também errou: prendeu Pontes ao confundir-lo com o verdadeiro assassino, Dantas, que, com o impacto do tiro que recebeu, estava caído no chão.

O paulista Francisco Gonçalves, conduziu o governador paraibano, ainda agonizante para a Farmácia Pinho. O proprietário negou-se a prestar socorro. O corpo foi parar na Drograria Brasil, onde João Pessoa teria dado o último suspiro.

+

Poetisa cometeu suicídio ou foi envenenada?

Anayde Beiriz iniciou um namoro com João Dantas em 1928, dois anos antes da morte de João Pessoa. Dantas era filiado ao Partido Republicano Paulista, opositor do então governador paraibano. Ele resolveu se exilar no Recife, por conta do violento conflito que deu origem ao Território de Princesa. Deixou, na capital paraibana, que se chamava Cidade de Parahyba do Norte, sua casa, um escritório e a paixão de sua vida, Anayde Beiriz, passando a se comunicar com a poetisa através de cartas. O advogado foi morar na casa de seu cunhado, Augusto Moreira Caldas, em Olinda. Mas passou a vigiar, pelos jornais, as visitas periódicas que João Pessoa fazia ao Recife, principalmente à Confeitaria Glória, localizada na Rua Nova.

“Após o episódio da invasão policial do escritório de João Dantas, em 10 de julho de 1930 – 16 dias antes do assassinato de João Pessoa -, e a posterior publicação das cartas de amor trocadas entre Dantas e Anayde, o advogado de Teixeira já aguardava uma oportunidade de vingança”, deduz o advogado José Caitano, que escreveu vários livros sobre João Pessoa, inclusive o considerado mais polêmico, “O Diário de Osias Gomes”. No dia 26 de julho de 1930, Dantas estava dentro de um bonde a caminho do Recife, quando viu no jornal a notícia da visita de João Pessoa a esta cidade. Saiu à procura da sua vítima e, quando encontrou-a, perto das 17h30 horas, disparou-lhe os tiros fatais.

Presos João Dantas e Augusto Moreira Caldas, Anaide se desloca para o Recife e passou a visitar o namorado na cadeia. Um dos presos que chamava sua atenção era Manoel Batista de Moraes – o nome de Batismo do cangaceiro Antonio Silvino, que ocupava uma cela diante da de João Dantas. Na capital vizinha, Anayde encontrou abrigo no Asilo Religioso Bom Pastor. Após o dia 6 de outubro de 1930 - o da morte de João Dantas e seu cunhado -, Anaide passou a apresentar sinais de depressão profunda. No dia 22 de outubro do mesmo mês, 16 dias depois da morte de Dantas, a superiora do Abrigo Bom Pastor, comunicou a família de Anayde, que “ela chegou lá demonstrando sintomas de envenenamento” e que morreu rezando o Pai Nosso. Morreu assim a mulher que em 1925 ganhou um concurso de miss, patrocinado pelo jornal.

Após a prisão de João Dantas pelo assassinato de João Pessoa, Anayde Beiriz passou a viver em um abrigo de irmãs religiosas em Recife para poder visitar o namorado na cadeia.



O legado de João Pessoa para a história: a polêmica

Assassinato fez ex-presidente ser visto como mártir da Revolução de 1930, alterando o nome da Capital e a bandeira do Estado

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

O que a morte de João Pessoa deixou para a posteridade? Há quem diga que foi a Revolução de 1930 e a ascensão do getulismo. Outros, defensores mais ferrenhos da memória do ex-presidente, apontam o combate e a derrocada das oligarquias locais. E tem os mais críticos que afirmam que tudo resultou numa simples oportunidade de se mudar o nome da Capital e a bandeira do Estado da Paraíba. Todavia, tudo indica que o maior legado histórico de João Pessoa foi a polêmica.

É um fato histórico que a morte do ex-presidente João Pessoa foi o estopim para a Revolução de 1930. Após o atentado em Recife, seu corpo foi embalsamado e transportado para a Capital paraibana por via férrea, onde chegou ao meio-dia do dia 28 de julho daquele ano. Daí pra frente, o ex-presidente sem vida alimentou a propaganda dos opositores contra o governo central. O esquife com o corpo ficou exposto à visitação pública na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, no centro da Capital paraibana, até o dia 1º de

agosto, quando foi transportado ao Porto de Cabedelo para ser sepultado no Rio de Janeiro.

“O que houve, na verdade, em 1930 foi uma troca de oligarquias, uma permuta de poder feita de forma impositiva, com derramamento de sangue e oportunismo generalizado por quem queria, a todo custo, conquistar o poder.”

“Há os que defendem e os que questionam esse legado. Na verdade, João Pessoa foi usado por Assis Chateaubriand, transformando-o em mártir da Revolução de 1930. Revolução essa até hoje questionada”, aponta Flávio Eduardo Fuba, o Mestre Fuba, cantor, compositor, músico e ativista cultural paraibano que, quando já se enveredava pela política partidária, lançou em setembro de 2008 o livro ‘Parahyba 1930: A Verdade Omitida’.

“Se observarmos, não houve mudanças significativas no país. A pregação do voto feminino e as implantações das leis trabalhistas, por exemplo, seriam conquistas que mais cedo ou mais tarde haveriam de acontecer”, analisa Fuba, quando perguntado sobre o legado de João Pessoa. “O que houve na verdade em 1930 foi uma troca de oligarquias, uma permuta de poder feita de forma impositiva, com derramamento de sangue e oportunismo generalizado por quem queria a todo custo conquistar o poder”.

A cidade de João Pessoa é assim hoje denominada em memória do político morto em Recife. Antes chamada Parahyba, a capital teve o seu nome alterado logo após o ocorrido na Capital pernambucana. E a chamada “Bandeira 5 de Agosto” foi substituída pela bandeira rubro-negra do “Nego”. Outra consequência foi a perseguição e a morte de muitos que se opunham ao grupo político de que João Pessoa fazia parte. Na prática, foi num momento de exceção em que ocorreram essas “homenagens”. De lá para cá, a discussão sobre uma nova alteração na denominação da cidade sempre aparece.

Fotos: Arquivo A União



Notícias da época sobre as homenagens feitas ao ex-presidente assassinado, como o projeto que mudou o nome da Capital do Estado de Parahyba para João Pessoa

+

“A história contada nos livros é feita pelos vitoriosos”

Devido ao livro publicado em 2008, Fuba passou a ser alvo de críticas e “ataques” por parte dos defensores de João Pessoa. “Na verdade, fui mal interpretado quando levantei essa polêmica. O que procurei fazer entender foi que a história que é contada nos livros é feita pelos vitoriosos da revolução, o que não corresponde aos verdadeiros fatos”, explica Fuba.

E ele destaca: “Muita gente que antes me criticava, hoje se retrata. Chegam até a pedir desculpas. Posso garantir que o tempo e os livros que foram queimados e hoje começam a ser republicados tornaram-se um aliado em minha defesa. Essa perseguição acentuada a princípio, a cada dia, se distancia mais e as pessoas hoje começam a entender a verdadeira história”.

As 494 páginas da obra ‘Parahyba 1930: A Verdade Omitida’, quando lançada há quase 12 anos, tinha o objetivo de “revelar a verdade negada da história da Paraíba”, envolvendo temas como o período do governo do ex-presidente João Pessoa, a Revolta de Princesa e a Revolução de 1930, retratando os fatos que fizeram mudar o nome da Capital e a bandeira do Estado da Paraíba.

Para escrever o livro, Fuba, durante um ano e dois meses fez uma minuciosa pesquisa de documentos, livros e jornais da época, além de se deslocar ao interior da Paraíba, a Recife e ao Rio de Janeiro, conversando com personagens importantes. “Mesmo antes do meu livro sair,

as pessoas já questionavam sobre o assunto. O livro, sem dúvidas, fortaleceu o movimento (de mudanças do nome da capital e da bandeira)”, lembra o artista-escritor.

E Fuba faz um desabafo: “O que as pessoas não sabem é que, em momento algum, fiz um projeto de lei na Câmara Municipal de João Pessoa tentando mudar o nome da Capital e a bandeira do Estado, como foi noticiado na época em vários veículos de comunicação”. E ele completa: “É necessário entender que isso não é uma prerrogativa da Câmara de Vereadores. Só quem pode fazer isso é a Assembleia Legislativa”.

Fuba também lembra: “Existe na Constituição Estadual de 1988 uma cláusula onde a qualquer momento a Assembleia poderá puxar um plebiscito pra saber se a população quer ou não essa mudança. Mas, para que isso aconteça, é necessário primeiro as pessoas conhecerem a verdadeira história da Revolução de 1930 e seus desdobramentos”.

Aos 63 anos (nascido na capital paraibana a 1º de setembro de 1956), Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, o Mestre Fuba, foi candidato a vice-prefeito de João Pessoa em 1996, numa chapa encabeçada por Luiz Couto (PT). Depois foi eleito vereador da capital por dois mandatos. O primeiro pelo PPS (hoje Cidadania), no período de 2005 a 2008; e o segundo mandato, de 2012 a 2016, já pelo Partido dos Trabalhadores (PT). “Continuo filiado e militando no PT, mas não pretendo ser mais candidato”, garante Fuba.

